

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

José Augusto Zorzi

ESTUDOS CULTURAIS E MULTICULTURALISMO: uma
perspectiva das relações entre campos de estudos em Stuart Hall.

PORTO ALEGRE – RS

2012

JOSÉ AUGUSTO ZORZI

ESTUDOS CULTURAIS E MULTICULTURALISMO: uma perspectiva das relações entre campos de estudos em Stuart Hall.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do diploma de Licenciatura em História, ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Regina Weber.

PORTO ALEGRE – RS

2012

“E o que era ali, na realidade, aquela outra vida? Em nenhum lugar K. tinha visto antes [...] as funções administrativas e a vida tão entrelaçadas – de tal maneira entrelaçadas que às vezes podia parecer que a função oficial e a vida tinham trocado de lugar.”

Franz Kafka – O Castelo (1922)

“Estou me lançando com todo vigor na Filosofia. A linguagem artificial é tenebrosa; acho que, para assuntos humanos, deveria ser possível encontrar expressões humanas.”

Karl Georg Büchner – Woyzeck (1836)

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	4
INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1. OS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS: CONCEITOS E A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS.	14
1.1. OS ESTUDOS CULTURAIS	14
1.2. O DESENVOLVIMENTO DE UM CAMPO CONCEITUAL: RICHARD HOGGART, RAYMOND WILLIAMS E EDWARD THOMPSON.	19
1.3. STUART HALL E OS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS	26
CAPÍTULO 2. MULTICULTURALISMO, “ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS” E STUART HALL: RELAÇÕES CONCEITUAIS.	29
2.1. OBSERVAÇÕES SOBRE O “MULTICULTURALISMO”	29
2.2. O “MULTICULTURALISMO” EM STUART HALL	34
2.3. O “MULTICULTURALISMO” DE HALL NO ÂMBITO DOS ESTUDOS CULTURAIS	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
4. FONTES E BIBLIOGRAFIA	49
4.1. TRABALHOS DE STUART HALL.....	49
4.2. TRABALHOS DOS ESTUDOS CULTURAIS E SOBRE O MULTICULTURALISMO	49
4.3. BIBLIOGRAFIA GERAL	50

RESUMO

O presente trabalho discute as relações teóricas existentes entre o conceito/campo de estudos do “multiculturalismo” e os “estudos culturais”. O “multiculturalismo” é um tema central nas discussões tanto no âmbito acadêmico quanto na esfera política dos Estados na contemporaneidade. O objetivo geral é estabelecer como as noções teóricas e metodológicas dos “estudos culturais” britânicos interferiram na concepção do conceito de “multiculturalismo”, bem como na sua constituição como um campo de estudos. Especificamente, a apresentação desta relação entre os “estudos culturais”, um campo interdisciplinar que se formou na década de 1960 na Inglaterra, e o “multiculturalismo”, será realizada a partir de alguns textos produzidos por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, associados, direta ou indiretamente, ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS da Universidade de Birmingham, locus dos “estudos culturais”, e de trabalhos sobre o “multiculturalismo” publicados por Stuart Hall, também ligado ao CCCS.

Palavras-chave: multiculturalismo, estudos culturais.

ABSTRACT

The present work discusses the theoretical relations between the concept/field of studies of “multiculturalism” and the “cultural studies”. “Multiculturalism” is a central point in the discussions in the academic as well as political arena of States in contemporary world. The general objective is to establish how theoretical and methodological notions of British “cultural studies” interfered in the construction of the concept of “multiculturalism”, as well as in its constitution as a field of study. Specifically, the presentation of the relation between the “cultural studies”, an interdisciplinary area that has taken form in the 1960’s in England, and the “multiculturalism” will be carried through some texts produced by Richard Hoggart, Raymond Williams and Edward Thompson, in association, directly or indirectly, to the University of Birmingham’s *Center for Contemporary Cultural Studies* – CCCS, locus of the “cultural studies” and of works about “multiculturalism” published by Stuart Hall, also connected to the CCCS.

Keywords: multiculturalism, cultural studies.

INTRODUÇÃO

O “multiculturalismo” tem sido um tema relevante em vários países nas últimas décadas. Intensos debates sobre ele são realizados no âmbito do Estado, no universo acadêmico, em meio à sociedade. Talvez seja um dos principais paradigmas das sociedades e dos Estados ocidentais modernos, inseridos num mundo que é qualificado cada vez mais como globalizado. Inclusive, os discursos revelam que parece ser da vontade política dos países pretensamente democráticos a facilitação e a promoção do convívio pacífico entre as diferenças, para definirem-se enfaticamente como sociedades multiétnicas,¹ quando as dificuldades de aceitação do “outro” geram ódio, repressão, perseguições e extirpação de direitos. Ainda que estas questões de diferença se configurem como problemas intrínsecos ao humano e como constantes ao longo da história, as preocupações inerentes a elas ganham força na configuração atual do mundo globalizado e das relações nele estabelecidas.

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a ampliação da compreensão do conceito de “multiculturalismo”, levando em conta sua difusão e heterogeneidade de interpretações e significados, abordando alguns de seus principais fenômenos e conceitos associados, tendo em vista, destacadamente, o seu contexto de aparecimento, com enfoque específico dado às contribuições, às interpretações e às influências conceituais dos Estudos Culturais britânicos sobre o campo de estudos e sobre o conceito de “multiculturalismo”, e a relação entre as noções comuns a ambos.

Os Estudos Culturais são um campo de estudos relacionado com o estabelecimento do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964, na Universidade de Birmingham, no Reino Unido. Influenciaram profundamente os interesses e métodos das análises de estudos que operam com a noção de “subcultura”, centraram suas atenções na categoria “juventude”, no contexto das discussões e afirmações de liberdade, intensas na década de 1960. Alguns autores e suas obras, em especial, influenciaram na construção de conceitos e do próprio campo dos “estudos culturais”, como os críticos marxistas britânicos Raymond Williams, Edward P. Thompson e Richard Hoggart. Os “estudos culturais” britânicos podem ser caracterizados por terem elaborado um método interdisciplinar de análise, colocando em discussão outros tipos de “comportamentos desviantes”, e

¹ SANSONE, Livio. *Multiculturalismo, Estado e Modernidade – As nuances em Alguns Países Europeus e o Debate no Brasil*. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 46, nº 3, 2003, p. 535-556. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a05v46n3.pdf>>. Acesso em: maio de 2012.

considerando as dimensões ideológicas de subculturas juvenis como os *mods* britânicos, *skinheads*, *punks*, entre outros.

A identificação desta relação entre os Estudos Culturais britânicos e o “multiculturalismo” é realizada neste estudo a partir de alguns trabalhos publicados por Stuart Hall, um autor ligado ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, sobre a temática do “multiculturalismo”. Os estudos de Hall abordam questões determinantes no que tange à temática central deste trabalho, o “multiculturalismo”: entre elas estão “raça”, etnicidade, cultura de massa, cultura operária, “juventude”, diáspora, identidade.

A intenção de aprofundar os estudos sobre o “multiculturalismo” parte da percepção de que a temática das diferenças, sejam elas de caráter étnico, cultural, de gênero, sociais ou econômicas, se tornam cada vez mais relevantes nas discussões sobre os direitos das minorias e do conjunto da sociedade, do papel do Estado em manter a ordem social, assim como na própria afirmação de determinadas categorias, além da importância histórica que estas questões encerram.

No intuito de compreender como se dão as relações multiculturais tanto no passado como na contemporaneidade, inicialmente pareceu que seria necessário buscar os significados e as implicações do termo/conceito “multiculturalismo”, abordando, ainda que de modo aproximado, quais as discussões que são feitas em torno dele, suas teorias interpretativas, seus principais teóricos, a relevância de compreendê-lo para o Estado e às sociedades contemporâneas. Conhecer as inferências que emanam do “multiculturalismo” contribuiria em lançar luz à boa parte das questões acerca das diferenças que são amplamente debatidas na atualidade. Por conseguinte, durante a pesquisa preliminar sobre as interpretações do “multiculturalismo”, identificou-se a profusão delas, que são realizadas por vários estudiosos, provenientes de vários países, matrizes étnicas, culturas. Por si só, o rol de interpretações do “multiculturalismo” é significativamente “multicultural”. Por isso que reunir, mesmo que apenas algumas das interpretações sobre ele, considerando-se tratar minimamente dos desdobramentos que partem dos seus debates, acabou se revelando inviável de acordo com a proposta deste trabalho.

A pesquisa partiu do objetivo de estudar em qual o momento essas preocupações de permitir o convívio pacífico entre as diferenças, principalmente as “raciais” e as culturais, foram assumidas pelas sociedades modernas e por elas levadas adiante. Nesse sentido, e após ter identificado que essas questões são muito mais antigas na história do que inicialmente

parecia, o objetivo era o de verificar como a França e o Reino Unido, durante a expansão de seus impérios coloniais, permitiram e, até certo ponto, promoveram a coexistência entre essas diferenças. Numa avaliação talvez equivocada ou muito embrionária, partiu-se do pressuposto que a Inglaterra se apresentaria atualmente mais “tolerante” ou mais aberta ao “multiculturalismo” do que a França, em condições definidas por razões históricas. No caso do império britânico, este teria adotado formas de dominação que privilegiaram as relações comerciais “império-colônia”, sem necessariamente provocar o assassinato ou eliminação das culturas tradicionais e das identidades locais de cada território dominado. Não se desconhece, entretanto, que o universalismo britânico também se caracterizou em certos casos pela intolerância.²

Em relação ao modelo francês, a hipótese era de que este também pressupunha a reunião de diversos povos, mas privilegiaria a implantação de um padrão cultural, o francês, fundado pela Revolução de 1789. Nesse sentido, é comum associar o plano francês de universalismo a um modelo monocultural, com a sobreposição do padrão de uma cultura sobre outras. Ainda assim, é possível identificar na França, através de sua tradição fundada, que sua pauta incorria mais num laicismo extremado do que na disposição de fomentar um padrão monocultural, embora, conforme algumas interpretações, o caracterizem como um modelo assimilacionista.³ A partir dessas considerações iniciais poder-se-ia compreender como esses impérios e depois nações conviveram com estas questões ao longo de sua história e quais suas posturas com relação a elas no presente.

Continuando a buscar um tema para o presente trabalho nesta linha de estudos das expansões coloniais europeias dos períodos moderno e contemporâneo, identificou-se que os Países Baixos possuem uma trajetória histórica que os levou a conviver com as diferenças, que remete a sua “Era de Ouro”, quando seus habitantes (os burgueses principalmente) conviveram com a expansão comercial, que os fez estar em vários lugares do mundo, simultaneamente, cuidando dos seus negócios. Essa característica comercial remete rapidamente a visualização de portos marítimos lotados de pessoas provenientes de outras nações europeias e de outros lugares do mundo, representando outras “raças”, etnias, culturas, cores, religiões. Essa dinâmica existiu nos Países Baixos bem antes que em outros lugares da Europa na Era Moderna. Mas com relação a este caso, ainda houve outras questões cruciais que forçaram esse convívio pluralista nos Países Baixos: a fragmentação deste território em várias cidades-províncias com sentimentos étnico-linguísticos reforçados pelo regionalismo; e

² FERRO, Marc. *História das Colonizações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 145-148.

³ CASTLES, Stephen e MILLER, Mark J. *apud* SANSONE, Livio. *Op. Cit.*, p. 538.

o caráter religioso delas que, durante e após a Reforma e a Contra-Reforma, optaram por um credo ou outro, com destaque para a presença do calvinismo em algumas províncias. Não há que omitir, também, a união de esforços entre essas províncias para enfrentar a ameaçadora Espanha, movida pelo intento conquistador (“fúria espanhola”).⁴

Esta pesquisa inicial em torno do tema das “diferenças” em distintos lugares permitiu visualizar o “multiculturalismo” configurando um amplo campo de estudos, que busca em antecedentes históricos similares explicações para questões pertinentes de alguns processos contemporâneos. Portanto, um tema relevante para se desenvolver numa pesquisa no âmbito da história e das ciências humanas. Após o trânsito por estas possibilidades, a pesquisa resultou num trabalho de cunho teórico, que visa identificar o aparecimento e a difusão do conceito de “multiculturalismo” associado aos Estudos Culturais britânicos.

Como já mencionado acima, o objetivo central deste trabalho é estudar a influência dos Estudos Culturais através dos conceitos e interpretações postos por este campo de estudos interdisciplinar, na noção, no conceito, e sobre os estudos do “multiculturalismo”. Especificamente, este trabalho busca identificar através da obra de Stuart Hall, um importante debatedor do “multiculturalismo” na Inglaterra desde a década de 1970, as contribuições, as interpretações e as influências conceituais do campo de estudos ao qual ele está associado, os Estudos Culturais britânicos, sobre o tema do “multiculturalismo”, quais suas influências no surgimento deste conceito, nas suas formas de abordagem, nos seus paradigmas fundamentais, na sua ampla difusão.

Esta pesquisa também busca evidenciar, a partir de diversos autores, que os conteúdos essenciais do “multiculturalismo”, em sua dimensão ideológica e cultural, provêm, em grande medida, dos marcos teóricos dos Estudos Culturais britânicos. No entanto, a relação entre estes dois campos de estudos não é tão evidente. Pôde-se perceber ao longo da pesquisa que, dos autores ligados aos Estudos Culturais britânicos, apenas Stuart Hall aborda o tema do “multiculturalismo” de forma mais direta, realizando inclusive uma interpretação ampla do conceito. Essa interpretação é explanada no artigo “A Questão Multicultural”.⁵ Ainda que a relação entre os Estudos Culturais e o “multiculturalismo” não tenha se revelado tão evidente quanto se pensava no início da pesquisa, mostrou fazer sentido para o caso de Hall. É o que se tenta argumentar neste trabalho.

⁴ SCHAMA, Simon. *O Desconforto da Riqueza: a cultura holandesa na época de ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 60-95.

⁵ HALL, Stuart. “A Questão Multicultural”. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 51-100.

A partir desta constatação, buscou-se estudar quais (e como) as noções-chave dos Estudos Culturais britânicos, que a partir de Stuart Hall, anteciparam e impactaram o estudo e a interpretação do “multiculturalismo”. Durante a pesquisa identificou-se que alguns fenômenos e conceitos são noções-chave cruciais nos trabalhos de Hall, e também são fundantes do seu modelo de interpretação do “multiculturalismo”, como identidade, diferença, diáspora, fenômeno pós-colonial, “raça”, etnia, globalização e as noções de cultura (de massa, operária) desenvolvidas por Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson, fundamentais nos Estudos Culturais.

Depois de verificar, com base em alguns autores como, por exemplo, Vázquez, Oleza e Sansone, que o “multiculturalismo” aparece inicialmente entre os Estudos Culturais surgidos na Inglaterra, percebeu-se também que estes e outros autores pesquisados não desenvolveram detidamente como se dá esta relação entre esses campos e por que, se assim o é, o “multiculturalismo” nasce nos marcos teóricos dos Estudos Culturais. Logo, este trabalho foi direcionado também para propor uma resposta a esse questionamento.

A elaboração deste trabalho levou em consideração, na sua concepção teórica e metodológica, noções vinculadas ao que se convencionou chamar de *estudos interdisciplinares*. Um grande desafio da atualidade é a capacidade de viver com a pluralidade – as próprias discussões em torno do “multiculturalismo” corroboram imensamente com essa premissa. No âmbito da produção acadêmica e intelectual essas questões também são postas quando se reflexiona sobre os limites do alcance e as barreiras das disciplinas ou campos disciplinares. Tendencialmente, a disciplina constitui um quadro relativamente fechado, uma estrutura centralizada de onde partem os argumentos legitimadores de sua autoridade, de onde provem também a ideia de que haja disciplinas “superiores” e “inferiores”.⁶

Para algumas ciências ou disciplinas no meio universitário, “as tentativas trans, inter, ou pluridisciplinares aparecem com frequência como ações tendentes a subverter, despojar ou deslocar capital material e intelectual, enfraquecendo territórios claramente delimitados”. Evidentemente, há o risco, quando se faz este tipo de aproximação, de provocar a confusão nos sistemas conceituais de cada disciplina, que se inscrevem em lógicas ou epistemologias que não necessariamente são compatíveis e que muitas vezes são até excludentes.⁷

⁶ PETERSEN, Sílvia R. F. “Algumas observações sobre a interdisciplinariedade”. *50 anos da Faculdade de Filosofia*: publicação comemorativa. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 109.

⁷ Idem, p. 110-111.

É interessante levar em consideração que a História praticada no século XX, principalmente quando os historiadores questionavam aquela que se fazia no século XIX, empregava conceitos e abordagens metodológicas emprestadas de outras disciplinas. Ao realizarem esse exercício de aproximação, os historiadores encontravam, em cada disciplina, não desafios às suas ideias sobre como o argumento histórico deve ser construído, e sim incentivo para explorar o passado de maneiras diferentes.⁸

Um método de estudo interdisciplinar – ou transdisciplinar –, que leve em conta os arcabouços teóricos de distintas disciplinas que convergem em certos aspectos, pode ser fundamental para a compreensão de determinados fenômenos e conceitos que, geralmente, são constituídos de maneira plural. Por isso “a necessidade de uma cultura mais ampla do que aquela da disciplina”.⁹

Como irá ser mostrado ao longo deste trabalho, o “multiculturalismo” é objeto de estudo de distintas disciplinas. E, também com destaque, percebe-se que seu campo de estudos é composto por noções de vários âmbitos teóricos e disciplinares. Apenas a título de exemplo, conceitos importantes presentes nos estudos sobre o “multiculturalismo” como os de etnicidade, identidade cultural e cultura são muito associados à antropologia e às teorias da cultura; as noções de “globalização”, comumente associadas à geografia e às ciências políticas; os estudos sobre as migrações e as diásporas, à sociologia; o fenômeno pós-colonial, abordado pela história e pelos estudos literários. É evidente que nos estudos sobre o “multiculturalismo” há uma enorme transversalidade de noções e conceitos de diferentes disciplinas que, porém e em comum, integram o campo das ciências humanas e sociais.

Essa perspectiva vale também para o campo de estudos que é objeto do presente trabalho. Os “estudos culturais” – seja no espectro da sua produção intelectual e acadêmica ou no seu corpo institucional – abrigam autores vinculados a diversas disciplinas: historiadores, sociólogos, filósofos, antropólogos, geógrafos, teóricos da cultura, da comunicação, da linguística e assim por diante.

De acordo com Burke, ao tratar das relações ora consensuais ora litigiosas entre a história e a sociologia e da tendência de cada uma à especialização, “os historiadores correm o risco de ser *provincianos* no sentido mais literal do termo”, assim como com os sociólogos em relação a sua área.¹⁰ Os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre “desejavam que os historiadores aprendessem com as disciplinas afins”. Estes dois autores o fizeram por

⁸ LAMBERT, Peter; SCHOFIELD, Phillipp (orgs.). *História: introdução ao ensino e à prática*. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 149-150.

⁹ PETERSEN, Sílvia R. F. *Op. Cit*, p. 112.

¹⁰ BURKE, Peter. *Sociologia e História*. Porto: Afrontamento, 1980, 2. ed., p. 9 (grifo do autor).

interessar-se pela psicologia social, pela geografia humana, pela sociologia, entre outras áreas do conhecimento.¹¹ As gerações subsequentes da Escola dos *Annales* respaldaram as recomendações dos seus precursores.

Este trabalho está vinculado a um curso de história e caracteriza-se pela abrangência de temas e conceitos de disciplinas do campo das ciências humanas e sociais, que circundam os principais objetos de estudo desta pesquisa: o “multiculturalismo” e os “estudos culturais”.

A *história dos conceitos*, desenvolvida exaustivamente por Koselleck, também é considerada neste trabalho, principalmente nas questões básicas de distinção entre conceito e palavra. Conforme o autor explica, um conceito é passível de ser explorado se se considera os níveis de teorização e entendimento reflexivo nele abrigados. Embora este trabalho proposto não se atenha exclusivamente ao estudo de um único conceito, mas de vários pertencentes a campos de estudos distintos que, no entanto, se relacionam, cabe refletir sobre como abordar de forma adequada os conceitos, evitando as deturpações de significados a eles associados. Koselleck afirma que “a historia dos conceitos coloca-se como problemática indagar a partir de quando determinados conceitos são resultado de um processo de teorização. Essa problemática é possível de ser empiricamente tratada, objetivando esta constatação, por meio do trabalho com as fontes”. De outra forma, os conceitos constroem cadeias, através do conjunto da língua, que articulam um conceito a outro, apresentando assim seu viés relacional, empregado num âmbito texto/contexto, no qual os conceitos formam densos emaranhados. “A historia dos conceitos permanece uma metódica consistente, com suas fronteiras, seus limites e vantagens”.¹²

Por fim, foi levada em consideração na elaboração do trabalho e na execução da pesquisa a proposta de Philip Gleason – que serve tanto como método de pesquisa bem como de referencial teórico – de se fazer, de modo bastante aproximado, o que ele define por *história semântica*. Gleason realiza em *Identifying identity: a semantic history* (1983) uma “história semântica” do conceito de “identidade”. Ele explica que esse método esclarece as ambiguidades de seu significado e também certos aspectos do pensamento americano, inserido em seu estudo. O autor trabalha primeiramente com a descrição da emergência e da difusão do termo; parte para a explanação dos principais autores e fontes de interesse sobre o tema “identidade”, e analisa as complicações advindas das diferentes interpretações do conceito desenvolvidas pelos autores e apresentados pelas respectivas fontes. Por último,

¹¹ Idem, p. 22.

¹² KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, 134-140.

elabora uma seção mais interpretativa no sentido histórico, enfocando aspectos da cultura histórica americana do período de abordagem, que parecem para o autor os mais relevantes para explicar porque o termo “identidade” expandiu-se tão rapidamente.¹³

Apropriando-se apenas de algumas nuances desse método, a aplicação delas auxilia no estudo das etapas de desenvolvimento do “multiculturalismo”. Não se desconhece que este tema tem sido bastante estudado, assim que, neste sentido, o que está sendo proposto é direcionar esta busca histórica por um viés específico no âmbito de um trabalho de conclusão de curso. Feitas essas considerações, o estudo proposto, primeiramente, estudará os conceitos fundamentais dos principais autores comumente associados aos “estudos culturais” (Hoggart, Williams e Thompson) e as possibilidades de interpretação e difusão deles em diferentes campos de estudo e de pesquisa, principalmente no de “multiculturalismo”; em seguida, será feita uma explanação e uma discussão do conceito de “multiculturalismo” na atualidade e seus principais autores; e, por fim, como este último se gestou a partir desses conceitos dos “estudos culturais”, particularmente na perspectiva de Stuart Hall.

Neste recorte mais específico, por último citado, após levantamento da bibliografia disponível, salvo engano, existem apenas interpretações mais esparsas. O objetivo deste trabalho pode ser definido como uma sistematização e ampliação destas interpretações. Até onde as análises existentes já chegaram e o que este trabalho pretende agregar, apontando associações, está desenvolvido ao longo do texto.

O resultado da pesquisa está distribuído em dois capítulos principais. O primeiro trata dos Estudos Culturais como um amplo campo de estudos e de alguns conceitos em destaque que foram abordados por três autores comumente a ele associados, além de autores que produziram posteriormente, sinalizando para a relação de Stuart Hall com os Estudos Culturais e as apropriações de termos e conceitos realizadas pelo autor. O segundo capítulo apresenta uma discussão sobre o “multiculturalismo” na contemporaneidade a partir da leitura de alguns estudiosos do tema, e aborda, principalmente, as relações conceituais entre os trabalhos de Hall sobre o “multiculturalismo” e os Estudos Culturais britânicos.

Por ser um trabalho de cunho teórico e de revisão e sistematização de noções, em sua relação com campos de estudos, as fontes desta pesquisa são textos de autores que estiveram, diretamente ou não, vinculados ao desenvolvimento desses campos. No caso dos Estudos

¹³ GLEASON, Philip. *Identifying identity: a semantic history*. Disponível em: <http://www.soec.uni-jena.de/fileadmin/soec/media/GSBC/Veranstaltungem/Gleason_Identifying_identity_-_a_semantic_history.pdf>. Acesso em: junho de 2012. p. 911.

Culturais, textos de Richard Hoggart, Raymond Williams e também de Edward Thompson.
Referente ao “multiculturalismo”, de Stuart Hall.

CAPÍTULO 1. OS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS: CONCEITOS E A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS.

1.1. OS ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais estão relacionados com o estabelecimento, em 1964, do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, no Reino Unido.¹⁴ Influenciaram profundamente os interesses e métodos das análises de estudos que operam com a noção de “subcultura”¹⁵ nas décadas seguintes. Os pesquisadores envolvidos centraram suas atenções, particularmente, na categoria “juventude”, tendo sido grandes teóricos desta noção, no contexto das discussões e afirmações de liberdade, intensas na década de 1960. As análises produzidas foram influenciadas pelos trabalhos de alguns críticos marxistas britânicos, como Raymond Williams, Edward P. Thompson e Richard Hoggart – que foi o primeiro diretor do CCCS –, mas também por outros teóricos como Louis Althusser, Antonio Gramsci e Roland Barthes em sua fase inicial. Desenvolveram um ambicioso e interdisciplinar tipo de análise, focando-se na categoria “juventude”, mas colocando para discussão muitos outros tipos de “comportamentos desviantes”, que resultaram em narrativas substanciais sobre diferentes grupos sociais enquadrados como “subculturas” de culturas mais amplas.¹⁶

Os pesquisadores do CCCS estavam preocupados com as relações entre ideologias (ou “dimensões ideológicas”) e as formas, particularmente espetaculares, adotadas pelas subculturas juvenis, os *mods* britânicos, *skinheads*, *punks*, entre outros. Lançaram um olhar diferente para essas subculturas, buscando a relação entre elas e as estruturas culturais mais amplas, como a classe operária, a cultura “dominante” e a cultura de massa.¹⁷

Entre os trabalhos produzidos pelos autores ligados ao CCCS está o seminal *As utilizações da Cultura* (1957), de Richard Hoggart. Nele, o autor enfatiza as noções de

¹⁴ Alguns dos textos que influenciaram profundamente os “estudos culturais” nas décadas seguintes e que são considerados os textos fundadores deste campo de estudos já haviam sido publicados na década de 1950. É o caso de “The Uses of Literacy” (1957), de Richard Hoggart, e “Culture and Society, 1780-1950” (1958), de Raymond Williams. Mas o estabelecimento dos “estudos culturais” como campo de estudos e a sua ampla difusão inicia com a fundação do CCCS.

¹⁵ A noção de “subcultura” é utilizada para embasar estudos sobre cultura juvenil, cultura operária, delinquentes etc.

¹⁶ GELDER, Ken. Introduction to part two. In: GELDER, Ken [et al]. *The subcultures reader*. London/New York: Routledge, 1997, p. 83-84.

¹⁷ Idem.

“‘velha’ ordem” e “as mais novas artes de massa”, e identifica a juventude do período vivendo um momento de transição, um ponto de mediação mais ou menos frágil entre a identidade de classe da classe operária e a crescente atração pelo “mundo comercializável” da cultura de massa. Esse tipo de abordagem colocou a juventude como desempenhando um papel central nas contradições daquele período.¹⁸ No segundo volume desta obra, Hoggart se dedica “ao exame do ‘novo clima mental’ decorrente dos efeitos do progresso (social, político e material) sobre a vida das classes trabalhadoras e da inserção destas em uma cultura de massas”.¹⁹

Algumas proposições documentadas por Hoggart obtiveram larga aceitação na historiografia referente à classe operária. Por exemplo, Eric Hobsbawm apropriou-se da noção de “nós” e “eles” para a compreensão de alguns aspectos comuns dessa classe, na sua obra *Mundos do Trabalho*.

[...] No que diz respeito aos homens que vivem em tais circunstâncias, o vizinho do vale próximo pode não ser simplesmente um estrangeiro, mas também um inimigo, por mais semelhantes que sejam suas situações sociais.²⁰

Os trabalhos produzidos por Hoggart, Williams e Thompson nas décadas de 1950 e 1960, constituem os textos fundantes do que passou a ser chamado de “culturalismo”. Este termo foi cunhado por Richard Johnson, que foi diretor do CCCS, para descrever os trabalhos dos três primeiros autores, indicando uma certa coerência teórica que conecta os seus trabalhos.²¹ Embora a sujeição de autores e obras a termos que designam movimentos ou um conjunto de concepções teóricas sob uma única denominação, facilite a localização discursiva destes, nem sempre resulta num método eficiente, ou reconhecido pelos próprios autores.

Há várias discussões sobre o que configura o “culturalismo”. Apesar da afirmação de Johnson de que Hoggart, Williams e Thompson apresentam uma coerência teórica nos seus trabalhos, não significa que estejam fatalmente subordinados a esta alcunha. Thompson, por exemplo, embora considere o âmbito da cultura como o lugar primeiro da experiência,

¹⁸ STOREY, John. *An Introductory Guide to Cultural Theory and Popular Culture*. Athens, USA: University of Georgia Press, 1993, p. 44-51.

¹⁹ WEBER, Regina. Considerações sobre a cultura operária. *Humanas*. Londrina: Ed. UEL. v. 1, n. 1. mar. 1999 [2000], p. 52.

²⁰ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 38.

²¹ STOREY, John. *Op. Cit*, p. 43.

defende sua permanência no materialismo histórico, e rejeita a definição de “culturalista”.²² É no sentido de haver uma coerência teórica que o termo está sendo utilizado neste trabalho, sem mostrar taxativa a proximidade entre eles. É importante enfatizar isso, pois há um sentido lato de “culturalismo” sendo, em muitas situações, tomado como sinônimo de história cultural.

John Clarke, Stuart Hall, Tony Jefferson e Brian Roberts, no livro *Resistance Through Rituals* (1975), retomaram a “juventude” como categoria de classe, identificando de forma menos hostil as formas de cultura de massa do que os teóricos críticos marxistas da Escola de Frankfurt, recusando-se concordar com a visão de que a juventude é manipulada ou homogeneizada sob sua influência.²³

Os trabalhos de Phill Cohen sobre *East End London* trouxeram os argumentos de que as subculturas juvenis são um tipo de sintoma de “classe em declínio”, e de que elas têm o poder de realocar ou repor a noção perdida de “comunidade” da classe operária, com a noção de “território” subcultural. As pesquisas de Angela MacRobbie sobre garotas e o feminismo a partir da década de 1980, de Dick Hebdige’s sobre *punks*, e de Paul Willis sobre “cultura conta-escolar” nas décadas de 1980-90, introduziram outras temáticas aos estudos do CCCS.²⁴ Willis também cunhou a expressão “cultura do chão de fábrica”, que teve larga influência sobre textos posteriores na história do trabalho e da classe operária. No Brasil, um desses trabalhos é o clássico “O Vapor do Diabo”, de José Sérgio Leite Lopes. Essa obra antropológica influenciou muitos historiadores do campo da “história do trabalho” no país.

Em relação a Raymond Williams, suas contribuições foram seminais para o campo dos “estudos culturais”. Em *Cultura e Sociedade, 1780-1950*, ele apresenta uma nova noção da ideia de cultura, que então passa a significar também “todo um modo de vida que não é apenas maneira de encarar a totalidade, mas ainda maneira de interpretar toda a experiência comum e, à luz dessa interpretação, mudá-la”.²⁵ Em *The Long Revolution* (1961) Williams coloca três categorias gerais para a definição de cultura. A primeira é “o ideal”, em que a cultura é um estado ou processo de perfeição humana, em termos de valores absolutos ou universais. A segunda são os registros documentais: os registros de textos e práticas da cultura, em que esta é o corpo do trabalho imaginativo e intelectual do trabalho, no qual, em certo sentido, o pensamento humano e as experiências são comumente registrados. E a

²² NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.101-138, jan./dez. 2004, p. 119.

²³ GELDER, Ken. *Op. Cit.*, p. 85-86.

²⁴ Idem, p. 84, 86-89.

²⁵ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969 [1958], p. 20.

terceira, uma definição “social” de cultura, em que ela é a descrição de um modo de vida particular.²⁶ Esta última foi fundamental para os estudos do “culturalismo” porque introduziu uma proposição antropológica de cultura²⁷ de um modo de vida; ela como expressão de certos significados e valores; e que o trabalho de análise cultural deveria ser o esclarecimento dos significados e valores implícitos e explícitos em um particular modo de vida ou cultura.²⁸

Williams influenciou muitas gerações de historiadores no campo da história cultural. Essas análises aqui expostas o aproximam também de historiadores que se debruçaram sobre as questões de classe e da cultura operária, e sobre a cultura de massas, como o próprio Eric Hobsbawm e Edward P. Thompson. As noções propagadas por este último interessam bastante para este trabalho.²⁹

É importante considerar a capacidade de difusão que os Estudos Culturais tiveram, principalmente a partir da década de 1980, em âmbito internacional. Se ele pode ser considerado uma invenção britânica, hoje não está mais confinado à Inglaterra, e nem aos Estados Unidos, onde se alargou de forma considerável, e está presente no Canadá, na Austrália, na América Latina, entre outros territórios. No entanto, isso não significa que os Estudos Culturais possuam um corpo fixo de conceitos que possa ser transportado de um lugar para o outro e que opere de forma similar em contextos nacionais ou regionais diversos.³⁰

De acordo com Escoteguy, “os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, com a intenção de construir um novo campo de estudos”. Mas também “não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade.³¹ Nesta ótica, pode-se concluir que os Estudos

²⁶ Idem, p. 51-53.

²⁷ José Sérgio Leite Lopes, antropólogo brasileiro, afirma que a antropologia “veio redefinir a cultura de forma menos exclusivista e mais extensiva, de forma a abranger, além do sistema de obras culturais, o sistema de atitudes e comportamentos, de categorias de pensamento, implícitas em toda prática de um certo grupo social” (LEITE LOPES, 1978, p. 7).

²⁸ GELDER, Ken. *Op. Cit.*, p. 51-53.

²⁹ A relação de Hobsbawm com os autores dos “estudos culturais” se faz tanto no compartilhamento das abordagens como nas referências aos seus trabalhos: ele cita Hoggart e Williams quando afirma que “o estudo da ‘cultura’ operária, no sentido antropológico da palavra, das tradições operárias, incluindo a sua sobrevivência nos atuais bairros tradicionais, se inspira em grande parte na crítica literária” (HOBSBAWM, 1967, p. 240), e recolhe “elementos de uma consciência de classe nas descrições de Hoggart.” (WEBER, Regina. *Op. Cit.* p. 65-66).

³⁰ ESCOTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 136.

³¹ HALL, Stuart. *Op. Cit. apud* Idem, p. 137.

Culturais conformam um campo de estudos interdisciplinar, onde os seus objetivos comuns ultrapassam as barreiras disciplinares e “certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado”.³²

Do ponto de vista teórico, os Estudos Culturais acompanharam “um movimento de resgate, iniciado dentro mesmo da sociologia (na Inglaterra do período em foco), [onde] foram sendo recuperadas, entre outras aproximações, as perspectivas da fenomenologia, da etnometodologia e do interacionismo simbólico”. Metodologicamente, “a ênfase recaiu [...] no trabalho qualitativo. [...] A escolha por trabalhar etnograficamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem”.³³

O objetivo da seguinte seção é realizar uma leitura um pouco mais detalhada das principais ideias defendidas por Hoggart, Williams e Thompson na década 1950 (e também em textos posteriores), e que impactaram de forma relevante em teoria e método os estudos das grandes questões sociais e culturais no âmbito acadêmico, com destaque para os intelectuais britânicos que, de certa forma, orientaram-se a partir dessas ideias.

Talvez o grande mérito desses trabalhos resida no fato de que seus autores “não apenas [tenham] leva[do] a ‘cultura’ a sério, como uma dimensão sem a qual as transformações históricas, passadas e presentes, simplesmente não poderiam ser pensadas de maneira adequada”.³⁴ Além dessa importante contribuição para esta área do conhecimento, eles introduziram novas formas de enxergar as massas, a noção de classe e os paradigmas da comunicação no mundo moderno, apenas para apontar alguns tópicos. Essas noções também produziram impactos nos estudos sobre o “multiculturalismo” a partir das décadas de 1970 e 1980.

³² TURNER, Graeme. *apud* Idem, p. 137-138.

³³ Idem, p. 143. A difusão dos “estudos culturais” no Brasil teve a participação de intelectuais e acadêmicos da área da educação, principalmente os que abordam questões de identidade, traduzindo textos de autores a eles ligados. Destaca-se, por exemplo, as coletâneas organizadas por Tomaz Tadeu da Silva, “Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais”, que contem um artigo de Stuart Hall, e “O que é, afinal, estudos culturais?”, ambos citados neste trabalho.

³⁴ HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.133.

1.2. O DESENVOLVIMENTO DE UM CAMPO CONCEITUAL: RICHARD HOGGART, RAYMOND WILLIAMS E EDWARD THOMPSON.

Os trabalhos produzidos por Hoggart, Williams e Thompson, principalmente os publicados na década de 1950, influenciaram fortemente no desenvolvimento do campo dos “estudos culturais” britânicos. Embora esses textos tenham tido caráter seminal e de formação, não eram, de forma alguma, “livros-textos” para a fundação de uma nova disciplina acadêmica. “Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, eles próprios constituíam respostas às pressões imediatas do tempo e da sociedade em que foram escritos, ou eram focalizados ou organizados por tais respostas”.³⁵

Em *As utilizações da Cultura* (1957), Richard Hoggart buscou estudar as modificações que se deram na cultura das classes proletárias desde a segunda década do século XX, e de modo especial as modificações que puderam ser atribuídas à influência das publicações de massa. Através da análise literária das publicações populares, o autor buscou responder a uma pergunta premente, digna do esforço de compreensão de parte dos cientistas sociais: o quê é a vida do povo? A partir desta colocação é que procede ao estudo das relações e características das classes proletárias. Esta proposta de abordagem, consideravelmente inovadora do ponto de vista dos estudos das grandes questões sociais, como é o caso da classe operária, esboçou uma nova forma de compreender o conceito de “cultura”.

Hoggart define como objeto um grupo razoavelmente homogêneo de operários, buscando evocar a atmosfera, a qualidade de suas vidas, descrevendo os seus meios e as suas atitudes, levando em consideração que esses proletários tinham noção, no critério identitário, de constituírem o seu próprio grupo.³⁶

Definido o objeto de estudo, o primeiro ponto característico da sua abordagem refere-se à variedade e amplitude dos tópicos que integram o estudo de uma cultura. No caso abordado, relativo à cultura da classe operária da Inglaterra, Hoggart aborda o conjunto de hábitos e expressões que formam parte deste universo cultural. Além da análise das publicações de massa – os produtos que fazem parte do “consumo cultural” das classes operárias – Hoggart considera a situação salarial desses grupos, o tipo e a qualidade de formação por eles comumente obtidos, as práticas cotidianas como a religiosidade, a sexualidade, o casamento, as relações entre vizinhos, a vida diária na comunidade dos trabalhadores. Ampliando essa

³⁵ Idem.

³⁶ HOGGART. Richard. *As utilizações da cultura*, Porto: Editorial Presença, 1975 [1957]. p. 22-23.

noção, nas palavras de Hoggart, “ao estudar as classes proletárias, devemos tentar ver, para além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam, ver através das declarações e respostas o que estas realmente significam [...], detectar os fatores emocionais e subjacentes às frases idiomáticas e observâncias ritualísticas”.³⁷ A consideração desses aspectos da vida comum dos membros das classes proletárias compõe uma crítica à maneira de hierarquizar as formas e os tipos culturais, pautadas basicamente pelo que cada classe consome do ponto de vista cultural – as obras “com ou sem qualidade”.

O segundo ponto interessante da análise de Hoggart é o de enfatizar a diferenciação entre os membros da classe proletária – ela não se configura como um grupo homogêneo. Seja nos hábitos de consumo, nos modos de vestir-se, nas formas de linguagem, os membros se distinguem. Promovendo o estudo sobre as modificações culturais da classe proletária inglesa, Hoggart buscou os aspectos mais sutis do estilo de vida que caracteriza o proletariado, como o conjunto de frases de uso comum. No entanto,

é lícito procedermos a generalizações no que se refere às atitudes características do proletariado, o que não implica que todos os indivíduos dessas classes pensem ou procedam dessa maneira em relação ao trabalho, ao casamento ou à religião.³⁸

Essas reflexões serviram como base para as reflexões sobre a ideia de “massas”, como as que estão presentes na obra “Mudos do Trabalho” de Eric Hobsbawm. Embora a tendência, na maioria das vezes, esteja no sentido de uniformizar a sua forma de pensar, manifestar-se, consumir, enfim, agir, a heterogeneidade dessas formas são claras quando vistas de perto. A noção de “massas” leva a pensar na ideia de uma “cultura de massas”. O estudo de Hoggart refere à classe operária o “pensamento de massa”. Segundo o autor, esse pensamento de fato existe, e o exemplifica com o comportamento de alguns membros que tendem a uma distinção em relação à maioria. Esse pensamento é criterioso quando o autor se refere à manutenção da permanência, por assim dizer, no grupo: o indivíduo que de alguma forma se diferencia – por exemplo, através do simples fato de levar um livro para a fábrica – infringe os tabus e cai em desgraça. Como define Hoggart, isso se configura como um “conformismo (cultural) de classe”.³⁹ Quanto ao questionamento sobre a passividade, ou não, frente às ideias veiculadas

³⁷ Idem, p. 20.

³⁸ Ibidem, p. 25-27.

³⁹ Ibidem, p. 103-104.

pela “minoria”, as classes proletárias enquanto constituidoras das “massas” possuem em elevado grau a faculdade de resistir à mudança e manter suas características e tradições.⁴⁰

Essa forma de análise adotada por Hoggart constituiu-se como um paradigma para as gerações posteriores, presente nos trabalhos produzidos no âmbito dos “estudos culturais”. Além da contribuição de Hoggart, outros dois intelectuais tiveram importante participação no desenvolvimento desse campo de estudos: os já citados Raymond Williams, em “Cultura e Sociedade: 1780-1950”, e Edward Thompson, principalmente em “A Formação da Classe Operária Inglesa”.

O primeiro dos acima citados, Raymond Williams, publicou seu livro “Cultura e Sociedade” na década de 1950, num momento em que o próprio autor verifica uma expectativa de se poder elaborar uma nova teoria geral da cultura.⁴¹ A proposta de Williams foi a de verificar como o termo “cultura” apareceu e se transformou desde o século XVIII no contexto inglês, até propor uma interpretação da “cultura” do seu tempo, tendo bem avançados os processos de industrialização e de democratização das instituições na Inglaterra. Já de início, é interessante verificar que a teoria geral da cultura para Williams corresponde a “teoria das relações entre os elementos de um sistema geral de vida”.⁴² Essa informação é relevante quando se notam os estudos pormenorizados dos problemas sociais e econômicos relacionados à expansão cultural da metade do século XX, na linha dos “estudos culturais”.

Ao analisar o padrão geral de mudança do termo “cultura”, Williams destaca que, através dele, é possível chegar a um sistema especial de referência, para reexaminar as modificações mais amplas de vida e de pensamento a que, evidentemente, correspondem às alterações de linguagem.

As transformações no uso dessas palavras põem em evidência a mudança geral das maneiras características de pensar acerca da vida diária: as instituições sociais, políticas e econômicas; dos propósitos dessas instituições; e das relações que essas instituições e propósitos mantêm com as nossas atividades no campo do saber, do ensino e da arte.⁴³

O autor afirma que as transformações históricas implicam significativamente nos significados da palavra cultura.

⁴⁰ Ibidem, p. 40.

⁴¹ Williams teve uma influência relevante em pesquisadores da história cultural. No Brasil, vários enfoques de pesquisa e mesmo editais de seleção para pós-graduação nesta área citam o autor (UFRGS, por exemplo).

⁴² WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969 [1958]. p. 12.

⁴³ Idem, p. 16.

Assim que, numa definição sintética, “a ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum. [...] Constituiu um esforço por compreender, interpretar e apreciar, em seu todo, a mudança em curso”⁴⁴ – corresponde à tendência, em sentido mais objetivo, para uma tomada de consciência. Essa interpretação permite chegar a uma noção de cultura muito aberta e abrangente, por considerá-la comum, “ordinária” (e não “extraordinária”), não restringindo sua concepção à “alta cultura”, mas sim englobando todos os processos da vida comum, conforme afirma Hall.⁴⁵ Essa noção não implica em uma única resposta que defina um padrão cultural para a modernidade, mas que possui um caráter processual.

Williams, reforçando a preocupação dos intelectuais estudados neste Capítulo, denota relevância para o significado da “cultura de massa”. Se cultura deve abranger todos os aspectos do modo de vida das pessoas e suas relações sociais, como lançar vistas à cultura de massas sem os estereótipos da padronização e dos prejuízos conclusivos? Williams afirma que há uma visão preconceituosa da ideia de cultura de massas, como sinônimo de “populacho”.⁴⁶ A “cultura popular” seria compreendida como a existência de uma “maioria” consumindo produtos de baixa qualidade do ponto de vista cultural.

Entretanto, essas conclusões, além de proporem uma visão distorcida da cultura de massas, que não escapa à fatal padronização e à concepção de que elas apenas consomem maus produtos, elimina a possibilidade de avaliar a dinâmica cultural nelas existentes, assim como as leituras comuns referentes aos seus limites.

Se definirmos as massas como o conjunto dessas pessoas que as instituições hoje buscam conquistar e pelas quais são acolhidas com aparente satisfação, teremos de dizer que as massas se estendem para muito além da categoria, digamos, de trabalhadores manuais, ou daqueles cuja educação se manteve em nível elementar. Acentuo o ponto porque ‘massas = classe trabalhadora e classe inferior’ é muito comumente confundido com ‘massas = populacho’. O populacho, se existe, está ao redor de quase todos nós; e pode, mesmo, estar ainda mais perto.⁴⁷

Nesses termos é que Williams rejeita a ideia de que haja uma distinção completa entre uma cultura de massas e uma suposta cultura de minoria, ainda mais quando esses “pólos” estiverem, porventura, associados a uma definição de classe social: “a área de uma cultura é antes proporcional à área de uma língua do que ao âmbito de uma classe”.

⁴⁴ Ibidem, p. 305.

⁴⁵ HALL, Stuart, *Op. Cit* p. 135.

⁴⁶ WILLIAMS, Raymond. *Op. Cit.* p. 315.

⁴⁷ Idem, p. 316.

Aqui também ocorre uma relativização da ideia de hierarquia de tipos culturais. Mesmo que haja diferenças nos padrões de consumo e nas formas de manifestação entre indivíduos e grupos das classes trabalhadoras e das classes “minoritárias”, há um compartilhamento de heranças e traços culturais, uma convergência de experiências, o que significa dizer que “não pode ser absoluto o contraste entre uma cultura minoritária e uma cultura popular”.⁴⁸ É colocado em jogo, portanto, a ideia de que a cultura esteja fatalmente relacionada a uma classe.

Entre os historiadores, Peter Burke e Carlo Ginzburg desenvolveram concepções semelhantes às de Williams com suas noções de “circularidade da cultura” e “interações culturais”, muito próximas das elaboradas por Bakhtin, de que a cultura circula nas diversas camadas da sociedade, tanto de cima para baixo quanto de baixo para cima.⁴⁹ Essas ideias tiveram amplo espaço nos meios acadêmicos, inclusive o brasileiro.⁵⁰

Essas análises de Williams aqui brevemente expostas o aproximam muito de historiadores que se debruçaram sobre as questões da classe e cultura operária, e sobre a cultura de massas, como o próprio Eric Hobsbawm e Edward P. Thompson. As noções propagadas por este último interessam bastante para este trabalho.

Thompson, consideradas as ressalvas anteriormente expostas, é um dos historiadores muito próximos dos Estudos Culturais britânicos. De acordo com Hall, “A formação da classe operária inglesa” (1963) de Thompson, pertence decisivamente ao conjunto de “obras de ruptura” que estavam sendo publicadas por estes autores neste “momento”.⁵¹ O próprio autor afirma estar inserido na “tradição de trabalho” de Raymond Williams.⁵² Rupturas importantes introduzidas por Thompson nas suas análises, algumas delas comuns a outros autores dos Estudos Culturais, foram em relação às formas mecanicistas e economicistas do marxismo. O que também os aproxima teoricamente é a abordagem que insiste que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias partilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos culturais e práticas desta

⁴⁸ Ibidem, p. 329-330.

⁴⁹ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987 [1965].

⁵⁰ WEBER, Regina. Da Europa dos séculos XVI-XVIII para o Brasil dos séculos XIX-XX: a fecundidade da história cultural dos “modernistas”. *Humanas*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, v. 22, n.1/2, 1999 [2000]. p. 29-30.

⁵¹ HALL, Stuart. *Op. Cit.* p. 133.

⁵² WEBER, Regina. *Op. Cit.* p. 46.

sociedade. É uma perspectiva que enfatiza e valoriza a “ação humana”, a ativa produção da cultura, mais que seu passivo consumo. Este trabalho de Thompson, incluindo os de Hall e Whannel, influenciou profundamente na emergência do que se conheceu depois, nos “estudos culturais”, como abordagens da cultura “popular”.⁵³

Enfatizando as contribuições dadas por Thompson a esse campo de estudos, está a obra antes citada “A Formação da Classe Operária Inglesa” (1963). Assim como os trabalhos de Williams e de Hoggart apresentados até aqui, este de Thompson contribuiu imensamente para a realização de novas leituras sobre a classe e sobre a cultura operária. Conforme Nicolazzi, embora esse texto de Thompson tenha se distanciado dos rigorosos parâmetros científicos e acadêmicos, teve uma importância inegável para a historiografia acadêmica do século XX, “quer seja por questões teórico-metodológicas gerais, quer seja por questões especificamente internas ao marxismo, ao materialismo histórico, à história socialista ou à história social”.⁵⁴

Partindo do afamado Prefácio de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, que conforme Sewell Jr.⁵⁵ é o mais citado depois do prefácio de Marx de *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Thompson situa seu estudo numa linha que pretende analisar a constituição da classe por meio de um “processo ativo, que deve tanto à ação humana como aos condicionamentos”. Como o próprio autor afirma, “a classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se.”⁵⁶

Nesse sentido é que Thompson interpreta a classe, não como algo dado, que surge do nada, mas como um processo dinâmico associado ao desenrolar do tempo.

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente [...] nas relações humanas.⁵⁷

Essa noção de “unificar acontecimentos díspares e aparentemente desconectados” é significativa para visualizarmos a proximidade nas formas de análise utilizadas pelos três autores que estabeleceram, por assim dizer, as bases teóricas dos “estudos culturais”. Buscar

⁵³ STOREY, John. *Op. Cit.*, p. 43-44.

⁵⁴ NICOLAZZI, Fernando. *Op. Cit.* p. 110.

⁵⁵ SEWELL JR., William. How classes are made: critical reflections on E. P. Thompson's theory of working-class formation. In: KAYE, Harvey J., MCCLELLAND, Keith (eds.). *E. P. Thompson: critical perspectives*. Cambridge: Polity Press, 1990. p. 51. Esse prefácio, assim como o conjunto da obra em que ele está publicado, não é ausente de críticas: foi amplamente discutido e questionado (ver NICOLAZZI, Fernando. *Op. Cit.*).

⁵⁶ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 1 v. p. 10.

⁵⁷ Idem.

reunir as diferentes formas de expressão e aspectos da vida comum da população, em especial da classe trabalhadora, permitiu uma nova leitura do significado de cultura, para além de uma cultura homogênea e estática, que beira muitas vezes a abstração. Ao contrário de ser algo incompreensível e abstrato, a noção de classe “é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura. [...] A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais”.⁵⁸

Nesse sentido “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus.” Já a “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais; encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”.⁵⁹

Dentro desta mesma proposta de abordagem, em textos posteriores, como em “Costumes em Comum”, é possível compreender de uma forma melhor definida o significado de “cultura” no pensamento de Thompson. Segundo ele, situando-se na história da Inglaterra no século XVIII, ocorria uma profunda alienação entre a cultura patricia e a cultura plebeia. O contexto era de intensas transformações no período da Revolução Industrial e, concomitantemente, havia uma tendência à reforma dos costumes. Em certo sentido, o que ocorria era um declínio desses costumes, juntamente com a magia, a feitiçaria e as superstições semelhantes. No entanto, apesar das pressões “vindas de cima” para a reformulação da cultura comum da plebe, percebia-se uma forte resistência em permiti-la.⁶⁰

Apresentando alguns possíveis antecedentes da ideia moderna de cultura, Thompson afirma que para o século XVIII, “o ‘costume’ incorporava muitos dos sentidos que atribuímos hoje à ‘cultura’, mas de outro lado, apresentava muitas afinidades com o direito consuetudinário. Esse derivava dos costumes, dos usos habituais do país: usos que podiam ser reduzidos a regras e precedentes, que em certas circunstâncias eram codificados e podiam ter força de lei.” Nessas condições, os costumes ou hábitos culturais funcionavam, nos exemplos apresentados por Thompson, com um caráter quase que imperativo.⁶¹

A divisão e o conflito entre as culturas plebeia e patricia no século XVIII e início do XIX, de acordo com Thompson, eram difíceis de não serem notados em termos de classe – ela aparece como um motivo para o distanciamento entre culturas diferentes. O universo dos

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13.

⁶¹ Idem, p. 15.

costumes, como se pode ver, não era um campo estagnado, ausente de tensões; pelo contrário, “o costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes”.⁶²

É aqui que Thompson faz um alerta sobre a tendência de apelar às generalizações em estudos no campo da cultura, como por exemplo na “cultura popular”, que pode estar sendo submetida a uma perspectiva ultraconsensual, entendida como “sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhos e artefatos) em que se acham incorporados”.⁶³ Afastando-se dessa perspectiva demasiado consensual de interpretação da cultura, Thompson expõe a relação dialética existente nela, como “conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um ‘sistema’”.

Não só em relação à “cultura popular” pode haver riscos deste tipo, mas também quanto à “cultura”, em si. A percepção de que há por trás dela um consenso pode desviar a atenção do estudioso dos conflitos, das contradições sociais e culturais que existem dentro desse conjunto. Por isso a necessidade de, para evitar o esvaziamento desses tipos de generalizações, inserirem-nas em contextos históricos específicos.

Até aqui foram explanadas algumas noções importantes desenvolvidas por Hoggart, Williams e Thompson, que contribuíram na constituição do que se conhece por “estudos culturais”, especialmente o britânico. Um autor muito influenciado por esse contexto é Stuart Hall, que foi responsável, em medida considerável, pela propagação dessas ideias para outros campos do conhecimento, em distintos lugares do mundo.

1.3. STUART HALL E OS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS

Um dos autores que mais tiveram destaque nos meios acadêmicos e intelectuais associados aos “estudos culturais” é o jamaicano Stuart Hall. Hall foi um dos fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS – Universidade de Birmingham),

⁶² Ibidem, p. 16.

⁶³ BURKE, Peter. *apud* Ibidem, p. 17.

residência dos Estudos Culturais britânicos, tendo estado à frente de sua direção de 1970-79, em substituição ao cargo que até então ocupara Richard Hoggart. Publicou diversos trabalhos a partir das perspectivas deste campo.⁶⁴

Assim como a Hoggart, Williams e, às vezes, Thompson, são creditados os méritos de “fundadores” dos Estudos Culturais, não é incomum destacar que foi Hall quem os assumiu como projeto institucional na *Open University*, de onde continuou a se pronunciar sobre os rumos desse que se tornou um movimento acadêmico-intelectual internacional.⁶⁵

Hall nasceu em 1932 na Jamaica, em uma família de classe média composta por descendentes de britânicos e indianos. Em 1951 começou a estudar literatura em Oxford e não retornou mais a Jamaica. Adquiriu desde jovem a consciência da contradição da cultura colonial, e das implicações das noções de classe e cor na vida dos seres humanos. Atuou desde cedo como um intelectual em defesa dos ideais anticolonialistas. Na Inglaterra fez parte de um grupo fundamental para a formação da *New Left* inglesa, do final dos anos 50 e início dos 60, que incluiu E. P. Thompson, Raymond Williams, Raphael Samuel, Charles Taylor, muitos deles tendo em comum suas origens “nas margens”, seja por motivos de classe ou geografia. Hall foi editor, de 1958-61, da *New Left Review*, foco de discussão sobre novas compreensões de classe social, movimentos sociais e política, da questão do desarmamento nuclear e – a partir dos distúrbios raciais no bairro de Notting Hill em 1958 – sobre a insipiente questão racial britânica.⁶⁶

Foi no período em que Hall dirigiu o CCCS da Universidade de Birmingham que os Estudos Culturais se consolidaram, “a partir de uma preocupação política e do projeto de colocar em bases teóricas mais sólidas as leituras de textos da ‘cultura’, que incluíam desde o fotojornalismo e programas de televisão, até a ficção romântica consumida por mulheres e as subculturas juvenis britânicas (leia-se teds, mods, skinheads, rastas) às vésperas do movimento punk”.⁶⁷ Neste Centro, “incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, as análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas.”⁶⁸

Um ponto que interessa primordialmente a este trabalho são as questões relacionadas ao “multiculturalismo”, um assunto caro entre os textos de Hall. Os temas raciais, como os

⁶⁴ STOREY, John. *Op. Cit.*, p. 43-44.

⁶⁵ SOVIK, Liv. Apresentação: para ler Stuart Hall. *Op. Cit.* p. 9.

⁶⁶ Idem, p. 10-11.

⁶⁷ HALL, Stuart [et. al.]. *apud* Ibidem, p. 11.

⁶⁸ ESCOTEGUY, Ana Carolina. *Op. Cit.* p. 141.

citados acima, referentes aos eventos de Notting Hill em 1958, foram o estopim de uma série de textos que incluíam as abordagens de raça, etnia e etnicidade. A própria “condição colonial” do autor revela essa tendência.

Ao responder uma pergunta sobre a identidade negra,⁶⁹ Hall propõe que ela é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual. Aqui está em jogo uma relação de dominação e libertação entre as etnicidades dominante e dominada. No mundo que tende à globalização cultural, “as políticas culturais e a luta que incorporam se trava em muitas frentes e em todos os níveis da cultura, inclusive a vida cotidiana, a cultura popular e a cultura de massa.”⁷⁰ É nesse contexto também que as diferenças culturais, seguidas de suas estratégias de afirmação, ganham força.⁷¹

Nos assuntos relativos à questão da identidade estão os da mistura cultural, da mestiçagem e do hibridismo. Hall dá destaque para os discursos de identidade negra diante do racismo, com suas múltiplas raízes nos diversos níveis da formação social: político, econômico, social e cultural. Ele enfoca sempre o jogo da diferença, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda a identidade e das identidades diaspóricas em especial.⁷²

Entre os conteúdos trabalhados até o presente momento foi destacada a importância da ampliação da ideia de cultura, onde as condições de vida das pessoas indicam os significados por trás dela. Essas condições muitas vezes influenciam a produção intelectual de cada autor. É o caso também de Hall. Ele mesmo se define como um “intelectual diaspórico”. Conforme Sovik,

Hall escolhe o lugar que o discurso eurocêntrico destina a ele, um lugar de negro. Ele fala desde uma dupla diáspora africana no Caribe e caribenha na Grã-Bretanha. Assim, a perspectiva do crítico diaspórico é constitutiva de seu trabalho, enquanto ele fala do centro da Europa.⁷³

Levando em conta as noções dos “estudos culturais” trabalhadas até o momento, o próximo Capítulo abordará as relações existentes entre este campo de estudos, o “multiculturalismo” e as ideias dele empregadas por Stuart Hall.

⁶⁹ Referindo-se aqui ao texto de Hall “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”.

⁷⁰ SOVIK, Liv. *Op. Cit.* p. 11.

⁷¹ HALL, Stuart. “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?”. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 335-352.

⁷² SOVIK, Liv. *Op. Cit.* p. 15.

⁷³ Idem, p. 18.

CAPÍTULO 2. MULTICULTURALISMO, “ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS” E STUART HALL: RELAÇÕES CONCEITUAIS.

2.1. OBSERVAÇÕES SOBRE O “MULTICULTURALISMO”

Como foi mencionado na Introdução deste trabalho, o “multiculturalismo” tem sido um tema muito presente nos debates políticos e acadêmicos em vários países nas últimas décadas. Paradigmas colocados pelo fenômeno da globalização, entre eles as intensas migrações de grupos populacionais que se espalham pelo planeta, colocam em questão a capacidade dos Estados modernos de gerirem situações cada vez mais prementes. Os países que se definem democráticos, em teoria, e em muitos casos na prática, se esforçam no sentido da promoção do convívio pacífico entre as diferenças, ao menos dentro de suas nações, para definirem-se enfaticamente como sociedades multiétnicas,⁷⁴ quando as dificuldades de aceitação do “outro” geram ódio, repressão, perseguições e extirpação de direitos. Apesar de que estas questões de diferença se configurem como problemas intrínsecos ao humano e como constantes ao longo da história, as preocupações inerentes a elas ganham força na configuração atual do mundo globalizado e das relações nele estabelecidas.

Até o presente momento deste trabalho, buscou-se aprofundar os conhecimentos sobre o desenvolvimento do campo e conceitos dos “estudos culturais”. Essa aproximação visa identificar as bases teóricas que contribuíram para o desenvolvimento do conceito de “multiculturalismo”, especialmente na obra de Stuart Hall. Embora este trabalho se centre principalmente nos aspectos conceituais e teóricos do “multiculturalismo”, faz-se necessário compreender um pouco sobre a problemática multicultural da atualidade, como um conjunto de fenômenos históricos que se inter-relacionam e redundam na complexidade das sociedades contemporâneas. Por isso, na sequência, será apresentada uma breve leitura sobre como o tema do “multiculturalismo” se apresenta hoje, a partir de autores e intelectuais que se preocupam com esta temática. Em seguida, serão discutidas suas questões fundamentais na perspectiva de Stuart Hall.

⁷⁴ SANSONE, Livio. *Op. Cit.* p. 535.

O conceito de “multiculturalismo” está diretamente relacionado com alguns fenômenos que são colocados às “sociedades da modernidade tardia”.⁷⁵ O primeiro deles é a globalização. Esse fenômeno está associado à transformação e à aceleração das relações econômicas, industriais e financeiras, dos meios de comunicação e de transporte e das tecnologias, levando-os a atingir escalas globais, à constituição de redes mundiais amplamente interdependentes que ultrapassam as fronteiras nacionais e até mesmo culturais. Essa efervescência complexa das relações em âmbito internacional e o próprio fenômeno do “transnacional” colocam problemas como o da desagregação das culturas tradicionais, dos limites dessa expansão no que diz respeito ao direito e até mesmo à existência de minorias étnicas. Todas essas questões impactam na compreensão do que significa cidadania no mundo globalizado e afetam as políticas para a multiculturalidade.⁷⁶ Outros fatores decisivos nessa conjuntura são os processos de “americanização do mundo”,⁷⁷ quando identifica-se uma espécie de homogeneização dos padrões culturais globais a partir dos modelos ocidentais, predominantemente dos Estados Unidos da América; e de “dominação por parte do Império”,⁷⁸ relacionado com as estratégias globais de exercício do poder por parte dos EUA, e os modelos de estruturação do capitalismo global, fatores identificados por alguns autores.

Isso que os críticos chamam de “americanização”, conhecida também por “efeito coca-cola”, um reflexo da globalização, tem a ver com a perda do sentimento de se pertencer a algum lugar, na verdade da própria perda de um lugar, substituído pela proliferação de “não-lugares”, como aeroportos, por exemplo. Conforme Peter Burke, esse críticos, “confrontados com o cenário da hibridização, podem responder que a mistura de todas as culturas em um caldeirão global é um estágio em subsequente homogeneização”. No entanto, segundo ele, os próprios historiadores estão ficando cada vez menos convencidos que movimentos de homogeneização tenham sido bem sucedidos no passado, como os de helenização, romanização, hispanização e anglicização, até certo ponto.

Os partidários da homogeneização frequentemente não levam em conta a criatividade da recepção e a re-negociação de significados [...], ou a importância do narcisismo das pequenas diferenças. [...] As principais línguas do mundo [...] ainda estão muito vivas, assim como as principais religiões do mundo, mesmo que agora estejam se influenciando mutuamente

⁷⁵ HALL, Stuart. A questão multicultural. *Op. Cit.* p. 54.

⁷⁶ CANCLINI, Néstor. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

⁷⁷ Idem, p. 85-88.

⁷⁸ HARDT, Michael; NEGRI, Toni. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 225-238.

muito mais do que antes, como expressões como “catolicismo zen” sugerem.⁷⁹

O segundo fenômeno fundamental no contexto de aparecimento do “multiculturalismo” é o do “pós-colonial”, mais precisamente relacionado ao contexto europeu. Isso se explica pela história de longo domínio colonial por parte das nações europeias sobre territórios e povos situados em vários continentes. Em distintas épocas, esse foi o caso dos Países Baixos, da Inglaterra, França, Espanha, Portugal, Bélgica. Os fatores pós-coloniais que atingem a compreensão do “multiculturalismo” são os que aparecem a partir da segunda metade do século XX, no auge do processo de dissolução dos impérios coloniais europeus. A ligação histórica entre impérios e colônias induziu a disparada dos movimentos migratórios por parte de diferentes povos, etnias e culturas, no sentido colônia-metrópole. Esse efeito desencadeou uma série de transformações nas nações receptoras desses imigrantes, que foi do reconhecimento e da garantia de direitos às minorias constituídas, por parte dos Estados, até a acentuação do racismo, da discriminação, do preconceito e do impedimento do acesso aos imigrantes pelos Estados, mas também pelas sociedades, fomentados, inclusive, pelas visões que o Ocidente criou do “Outro”.⁸⁰ Além de esse passado colonial ser um motivo importante para a ocorrência destas verdadeiras diásporas, há outros fatores que as desencadeiam, como os conflitos étnico-raciais, políticos, sociais, religiosos e os problemas econômicos de alguns países, que incitam os movimentos migratórios. Essas diásporas são tão latentes que os poderes na pós-modernidade estão aliados numa impiedosa operação contra eles, apesar das dificuldades em resistir.⁸¹

Embora a compreensão desses fenômenos seja determinante para entender o “multiculturalismo” na contemporaneidade, quando se fala do contexto europeu há que ser considerado também os diferentes tipos de colonialismo empreendidos pelas potências europeias, o que caracteriza distintamente os modelos multiculturais adotados pelos países posteriormente ao fim dos impérios coloniais. Para exemplificar esta distinção, pode-se considerar três modelos: 1) o sistema britânico do *indirect rule* ou governo indireto; 2) o sistema das sociedades plurais como, por exemplo, o do Império Holandês, que se baseava na existência de um direito étnico; e 3) a versão do colonialismo do Império Francês, baseada na

⁷⁹ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 111-112.

⁸⁰ SAID, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do bolso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13.

⁸¹ HARDT, Michael; NEGRI, Toni. *Império*. Op. Cit, p. 233.

noção de *francité*, um universalismo “forçado”, e na atratividade de uma ocidentalização possível, embora a altos custos.⁸²

Os debates em torno do “multiculturalismo” trazem à tona também as formas de se lidar com as diferenças étnicas e regionais internas que, em cada país, variam conforme as tradições culturais e históricas. Isso diz respeito ao caráter regionalista de alguns países europeus que buscam afirmar-se a partir de um compromisso com as diferenças culturais regionalizadas, que demandam recursos e poder político para minorias e “colônias internas”. É o caso dos catalães, bascos, bretões, galeses, sardos, corsos etc.⁸³

Como nos países europeus, no Canadá, na Austrália, na Nigéria e em outros países africanos, na Índia e no Brasil – apenas para citar alguns exemplos – as relações multiculturais são pautas prementes, assim também são nos Estados Unidos. As balizas ou questões centrais da “problemática multicultural” nesse país confirmam a diversidade dos casos, situações e possíveis abordagens do tema, em diferentes contextos temporais e geográficos. Num processo diferente dos que ocorreram nos países europeus, os Estados Unidos conviveram boa parte de sua história com um regime escravista negro, que apontou os problemas que o Estado deveria enfrentar no futuro. Alguns afirmam que “o multiculturalismo é a resultante de um processo de mistura e de encontro de diferenças sem precedência na história dos EUA”, e que “ele representa uma reação à dificuldade e, frequentemente, ao fracasso deste processo”.⁸⁴ Nesse país, a discussão sobre o “multiculturalismo” está balizada em cinco questões principais: a questão indígena, a escravidão e o *apartheid* racial, as migrações religiosas, sua matriz anglo-saxônica, os fluxos migratórios e a mutação demográfica. Ao longo do tempo, estas questões foram ganhando consistência, com movimentos sociais que representavam minorias se organizando em torno de suas reivindicações, que estão quase sempre associadas às perdas de referenciais por parte dos grupos sociais e étnicos. Neste contexto de transformações, o “multiculturalismo” pode ser analisado como um sintoma, o indicador de uma mudança social de grande importância.⁸⁵

Já foi mencionado que, além de difuso, o conceito de “multiculturalismo” é interpretado de acordo com contextos específicos e singulares, o que explica a existência de múltiplos estudos, caracteristicamente ímpares, condição que dificulta a realização de uma leitura adequada, precisa e ao mesmo tempo abrangente sobre esse conceito. Mas é possível fazer

⁸² SANSONE, Livio. *Op. Cit.*, p. 537.

⁸³ Idem, p. 537-538.

⁸⁴ SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: Edusc, 1999, p. 42.

⁸⁵ Idem, p. 11-36.

recortes e definir linhas que o levem à compreensão, ainda que limitada. Um recorte pode ser traçado a partir das formas como o multiculturalismo é apresentado, mais precisamente nos âmbitos institucionais, podendo revelar-se a partir das maneiras como os Estados o conduzem. Algumas das interpretações mais difundidas, verificáveis a partir das abordagens feitas por alguns estudiosos do tema, como Hall⁸⁶ e McLaren⁸⁷, são as dos “multiculturalismos” liberal, pluralista, comercial e o crítico e/ou revolucionário.

O campo de estudos sobre o “multiculturalismo” interroga o estabelecimento das relações entre os princípios e práticas das expressões multiculturais. Esse campo de estudos reúne abordagens de diversas áreas do conhecimento, abrangendo relações entre as ciências, as ciências sociais, as humanidades; entre significados, ambiguidades e representações; entre a História, a cultura, a dominação, a resistência; e, amplamente concebido, entre identidades e diferenças, homogeneidade e heterogeneidade.⁸⁸ Muito por isso é que o “multiculturalismo” é considerado polifônico, e as discussões sobre ele provêm de diferentes *meios*: *acadêmicos*, nas áreas da antropologia, ciências políticas e sociais, história, filosofia, teorias da cultura e da linguagem, ciências da educação e da comunicação, geografia e assim por diante; e *institucionais*, no âmbito do Estado, no que diz respeito às ações por ele administradas quanto às questões multiculturais.

Embora não tenha sido localizada nenhuma referência que situasse claramente a origem, ou que realizasse uma abordagem próxima de uma “semântica histórica” desse conceito, a pesquisa permitiu identificar que ele aparece nas décadas de 1970-80 no Reino Unido e ganha força nas décadas seguintes. Em sua dimensão ideológica e cultural, os conteúdos essenciais do “multiculturalismo” provêm, segundo alguns autores, em grande medida dos marcos teóricos dos Estudos Culturais.⁸⁹ É esta linha de interpretação que está servindo de premissa para este trabalho.

No contexto norte-americano, o “multiculturalismo” também aparece nos Estudos Culturais, nos seus desdobramentos na América do Norte. As abordagens mais destacadas

⁸⁶ Idem, p. 52-53. Esses autores comentam nessas passagens as inúmeras abordagens e interpretações do multiculturalismo, com destaque para as que interferem nas políticas de Estado; no entanto, aqui são apenas mencionadas.

⁸⁷ MCLAREN, Peter. White Terror and Oppositional Agency: Towards a Critical Multiculturalism. In: GOLDBERG, David et al. *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge: Basil Blackwell, 1994, p. 47-59.

⁸⁸ GOLDBERG, David. Introduction: Multicultural Conditions. In: GOLDBERG, David et al. *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge, USA: Basil Blackwell, 1994, p. 2-3 (tradução do autor).

⁸⁹ VÁZQUEZ, Francisco. *Op. Cit.*, p. 3; OLEZA, Joan. *Multiculturalismo y Globalización: pensando historicamente el presente desde la literatura*. Disponível em: <<http://www.uv.es/entresiglos/oleza/pdfs/multiculturalismo%20y%20globalizacio.pdf>>. Acesso em: abril de 2012.

estão associadas ao *Chicago Cultural Studies Group*,⁹⁰ que defendem o “multiculturalismo crítico”. No entanto, a abordagem deste trabalho se centra no campo dos Estudos Culturais britânicos, ligados ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham.

É possível identificar que nos países que conviveram com essa profusão de culturas e de etnias, a temática do “multiculturalismo” se desenvolveu de forma bastante rápida desde as décadas de 1970 e 1980. Desses países também provem grande parte da produção acadêmica sobre o tema. Cita-se como exemplo os EUA, abordado neste trabalho, e a Inglaterra. A proliferação desses estudos está muito associada ao contexto da língua inglesa. A produção acadêmica e intelectual dessa matriz se destaca como um importante referencial para o estudo e a pesquisa sobre os diferentes “multiculturalismos” que foram se desenvolvendo em outros países.

A vertente inglesa nos debates sobre o multiculturalismo é que define a abordagem aqui realizada. Coincidentemente ou não, a Inglaterra é considerada o berço dos “estudos culturais”, onde pode ser identificado também o aparecimento, por assim dizer, do “multiculturalismo” enquanto conceito.

2.2. O “MULTICULTURALISMO” EM STUART HALL

Stuart Hall é considerado hoje um dos principais estudiosos e comentadores do “multiculturalismo” desde o seu aparecimento. Contribuiu imensamente para o desenvolvimento deste conceito e para a constituição de um campo de estudos em torno do tema, publicando diversos trabalhos que abordam, e de forma muito mais ampla, as questões tangenciais do “multiculturalismo”: “raça”, etnicidade, cultura de massa, cultura operária, “juventude”, diáspora, identidade. Com relação a esta última, Hall publicou o texto “Identidade Cultural na pós-modernidade” (1992),⁹¹ um dos mais difundidos do autor, onde ele explora algumas das questões sobre a identidade cultural na “modernidade tardia” e avalia se há, de fato, uma “crise de identidade” corrente, considerando o surgimento de novas identidades, que provocam a “fragmentação” do indivíduo moderno.

⁹⁰ GOLDBERG, David. *Op. Cit.*

⁹¹ O texto pertencia originalmente a uma coletânea e foi publicado no Brasil como livro. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

Dos trabalhos de Hall que abordam as ‘questões tangenciais’ ao tema do multiculturalismo, optou-se, para este trabalho, pela seleção de um dos textos onde o autor analisa o assunto mais pontualmente, considerando também a sua prolífica produção acadêmica. Um dos critérios para essa seleção foi a necessidade de manusear textos onde ele ataca de forma mais específica as questões multiculturais, e por serem textos já bastantes difundidos no Brasil.

Entre os mais relevantes sobre o “multiculturalismo” produzidos pelo autor, dos poucos nos quais ele aborda o tema como questão central, está “A questão multicultural” (2000), que parte da experiência britânica de multiculturalismo. A abordagem, além de destacar algumas noções teóricas e algumas distinções necessárias sobre o tema, faz um retrospecto histórico das condições que fizeram do multiculturalismo um paradigma para as sociedades contemporâneas. Embora a Inglaterra seja o modelo de experiência, pode-se visualizar através deste exemplo alguns fatores característicos para a emergência multicultural em outros países, onde fenômenos históricos de proporções globais ditam uma certa identificação entre processos específicos.

Antes de iniciar a apresentação das condições de emergência do “multiculturalismo” na Inglaterra (que não serão abordadas diretamente neste trabalho), Hall estabelece noções importantes ao trabalhar com este conceito, que podem ser válidas para se pensar outros contextos onde ele seja aplicável, assim como para pensar as bases teóricas do seu desenvolvimento. Segundo Hall, “multiculturalismo” é um termo hoje utilizado universalmente, o que não contribui para estabilizar ou esclarecer o seu significado. Ele é utilizado em várias áreas do conhecimento, e encontra-se frequentemente em meio aos discursos políticos. Muito por isso, assim como outros termos relacionados – “raça”, etnicidade, identidade, diáspora – o “multiculturalismo” se encontra tão discursivamente enredado que só pode ser utilizado “sob rasura”.⁹² Essa premissa vale também para este trabalho. A definição deste conceito de uma forma satisfatória fica distante, o que permite estabelecer alguns paralelos entre ele e o conceito de “cultura” anteriormente abordado.

Uma distinção fundamental, segundo Hall, deve ser feita entre o “multiculturalismo” e o “multicultural”. De forma sintética, o primeiro designa uma forma substantiva. Refere-se às

⁹² HALL, Stuart. “A questão multicultural”. *Op. Cit.* p. 51. Essa expressão se refere às dificuldades de utilizar termos e conceitos extremamente complexos e amplamente discutidos, que impossibilitam abordagens mais precisas das realidades que tentam compreender. Além disso, podem se referir a distintas particularidades nacionais ou geográficas, bem como a diferentes temporalidades. Ver HALL, Stuart. “Quando foi o pós-colonial?”. *Op. Cit.* p. 121-128.

estratégias adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. Significa, usualmente, a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais; porém, não é uma única doutrina. Também não é uma forma disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico, mas sim uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabadas. Já o “multicultural” é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original”. Não obstante, ainda que esta distinção seja necessária, estes termos são inseparáveis.

Outro problema que circunda o “multiculturalismo” é justamente o sufixo que ele carrega. Assim como é para outras terminologias conhecidas, o “ismo” tende a convertê-lo em uma doutrina política, “reduzindo-o” a uma singularidade formal e fixando-o numa condição petrificada, quando de fato ele não é uma única doutrina, senão uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabadas. Como há distintas sociedades multiculturais, também há “multiculturalismos” bastante diversos.⁹³

A acepção do termo “multiculturalismo” foi se moldando no último meio século, acompanhando as transformações históricas das sociedades produtos do colonialismo. As características da formação das sociedades coloniais e a dissolução dos impérios desse caráter, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial, forneceram as condições para sua emergência e relevância em nível muito acelerado.⁹⁴ Embora formações sociais multiculturais tenham sido comuns ao longo da história, de acordo com Hall, desde a II Guerra Mundial, o “multiculturalismo” não só tem se alterado, mas também se intensificado. Essa condição é fruto de uma série de mudanças que reconfiguraram estrategicamente as forças e relações sociais em todo o globo.

Conforme o autor, o primeiro desses fatores decisivos foi resultado do fim do sistema imperial europeu e também das lutas pela descolonização e independência nacional. Entre os diversos problemas que essas sociedades foram enfrentando na direção de uma organização,

⁹³ HALL, Stuart. *Op. Cit.* p. 52-53.

⁹⁴ As sociedades multiculturais não são algo novo. Já antes da expansão europeia, a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica e culturalmente “mistas”. Os impérios do passado, por exemplo, foram frequentemente multiculturais: o grego, o romano, o islâmico, o otomano, o europeu: todos se constituíram, de formas distintas, multiétnicos e multiculturais. Ver BURKE, Peter. “Fronteiras culturais dos primórdios da Europa moderna”. In: TAVARES, José Antônio et. al. *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

está a dificuldade de formular uma base para uma nova cultura nacional ou cívica, e as crises nessas sociedades são sempre permeadas pelo caráter multicultural ou “eticizado”. Portanto, o momento “pós-colonial” marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra, pautada pelo conflito.

O segundo fator é resultado do fim da Guerra Fria, com a dissolução da União Soviética, o declínio do comunismo e o esforço dos Estados Unidos para a construção de uma nova ordem mundial, pautada no “mercado”. As tensões multiculturais que surgiram principalmente nos países da ex-URSS, redundaram da implantação forçada desses novos modelos que não levaram em conta o substrato cultural dessas sociedades que, em condições precárias, fizeram ressurgir traços de nacionalismos étnicos e religiosos aparentemente adormecidos.

O último dos fatores é um que impacta fortemente o “multiculturalismo”: a globalização. A esfera desse sistema global conduzido por este fenômeno é planetária. Formata um sistema interdependente onde, a um princípio, todos parecem caminhar num mesmo sentido. No entanto, segundo Hall, no que tange à cultura, há uma tendência à homogeneização. Como é usualmente defendido por alguns autores, os circuitos econômicos, financeiros e culturais da globalização são orientados para o Ocidente e dominados pelos EUA. Ainda assim, esse sistema que indica uma padronização dos sistemas mundiais apresenta sinais de fortalecimento das diferenças, ou de elementos diferenciadores no interior das sociedades ou entre elas mesmas.⁹⁵

Esses são alguns aspectos centrais das ideias de Stuart Hall e do seu pensamento acerca do “multiculturalismo”. Em meio a esses aspectos, é possível identificar a apropriação de noções, na maioria das vezes implicitamente, empregadas dos “estudos culturais”.

2.3. O “MULTICULTURALISMO” DE HALL NO ÂMBITO DOS ESTUDOS CULTURAIS

Embora a ligação de Stuart Hall e os Estudos Culturais britânicos seja bastante evidente no cunho institucional, é bem possível fazer a leitura de seus argumentos e visualizar algumas noções desse campo de estudos, presentes em suas obras. O próprio Hall afirma estar

⁹⁵ HALL, Stuart. “A questão multicultural”. *Op. Cit.* p. 56-59.

estritamente vinculado às formas de abordagem dos “estudos culturais”, tendo inclusive produzido textos de referência sobre este campo.⁹⁶

Considerando que um dos objetivos deste trabalho seja verificar as relações teóricas e conceituais entre os “estudos culturais” e suas influências no desenvolvimento do conceito e do campo de estudo do “multiculturalismo”, especificamente no texto acima citado de Stuart Hall, não se quer, entretanto, forçar nenhuma “similaridade” entre as abordagens desses dois campos/temas, e sim apresentar correlações que possam estar implícitas ou explícitas, além de identificar possibilidades de aproximação, que apareceram ao longo da pesquisa, e não necessariamente propor ou discutir novas noções sobre esses campos.

A influência que as ideias de um autor ou de um campo de estudos podem exercer na produção intelectual subsequente nem sempre é evidente à leitura superficial. Há o desdobramento de velhas noções, a apropriação de noções anteriormente utilizadas, que não raro passam por ressignificações, e também reelaborações de conceitos para o emprego em novos campos de estudos. Teorias diferentes podem ganhar espaço, mas a relevância das teorias “antigas” permanece nas novas proposições. Como é comum no universo acadêmico, o texto seminal de um autor ganha inúmeros textos suplementares, que muitas vezes são os responsáveis pela disseminação e popularização do texto, seus termos e conceitos. Muitas vezes, essas noções podem aparecer num texto apenas por analogia.⁹⁷ Raymond Williams, no trecho estudado do Capítulo 1 deste trabalho, ia justamente no sentido de identificar as transformações e ressignificações dos termos (cultura, arte, democracia, industrialização) para compreender os seus usos e problemáticas no decorrer do tempo.

Um primeiro aspecto a destacar na relação entre os “estudos culturais” e o “multiculturalismo” diz respeito ao caráter de sua difusão entre os meios intelectuais. Como foi apresentado em dois momentos neste trabalho, os “estudos culturais”, inicialmente o britânico, tiveram uma disseminação considerável para vários países ao redor do globo. Uma maneira de explicar essa difusão é creditar à característica dos “estudos culturais” de realizar amplas abordagens, pautada na abrangência de formas de análise e na relativa maleabilidade no emprego de algumas noções, que permitem a adaptação dessas ideias em contextos diferentes.⁹⁸

⁹⁶ HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. *Op. Cit.*

⁹⁷ GLEASON, Philip. *Op. Cit.*, p. 916-919.

⁹⁸ Compreende-se por “difusão” ou “disseminação”, aqui, as ideias específicas destes autores ligados aos “estudos culturais britânicos”, e não toda e qualquer forma de “estudos culturais” no sentido mais lato.

Além deste potencial interpretativo dos “estudos culturais”, é interessante destacar o papel político desempenhado por este campo. É possível verificar nas referências apresentadas ao longo do trabalho a tendência dos autores a ele ligados, pelo menos os aqui citados, de lançarem um olhar diferenciado às chamadas subculturas, à classe operária e suas respectivas manifestações culturais, e igualmente à classe e à cultura de massa. Fica bem claro nas análises apresentadas neste trabalho que os autores associados aos “estudos culturais” estavam comprometidos em apresentar uma nova leitura referente às grandes questões sociais da sua época. O pós-guerra apresentou inúmeras novas situações e condições, que exigiam dos intelectuais e estudiosos uma séria reflexão, comprometida com as necessidades dos novos tempos. Esse tipo de atuação pode caracterizar uma forma de ação política.

Hall e os Estudos Culturais se aproximam no âmbito institucional e, também em consequência disso, no campo teórico. Concentrando-se no conceito de “multiculturalismo” trabalhado pelo autor, é possível perceber como algumas noções dos “estudos culturais” se fazem presentes. A dupla função dos “estudos culturais”, teórica e política, que funda diferentes campos, fundamenta também o caráter do desenvolvimento do conceito de “multiculturalismo” em Hall. Isso fica evidente quando se considera o objetivo dos textos do autor – em especial “A questão multicultural” – em fornecer as bases para um aprofundamento das discussões em torno dessas temáticas, não só no âmbito acadêmico, onde essas ideias nascem, mas para fora dele, ou seja, para o meio social e político que incita tais abordagens. Boa parte dessas interpretações é direcionada à compreensão dos problemas que o próprio Estado enfrenta, refletindo inclusive na sua própria concepção do contexto multicultural da modernidade.

A cidadania universal e a neutralidade cultural do estado são as duas bases do universalismo liberal ocidental. Quanto ao primeiro, há um vazio entre ideal e prática, entre igualdade formal e igualdade concreta. Quanto ao segundo, houve esforços no sentido de praticá-la: tolerância religiosa, liberdade de expressão, estado de direito, igualdade formal e legalidade processual, sufrágio universal são realizações positivas. Entretanto, a neutralidade do Estado funciona apenas quando se pressupõe uma homogeneidade cultural ampla entre os governados. Essa presunção fundamentou as democracias liberais ocidentais até recentemente. Sob as novas condições multiculturais essa premissa parece cada vez menos válida.⁹⁹

⁹⁹ HALL, Stuart. *Op. Cit.*, p. 77.

Essa função política das discussões sobre o “multiculturalismo” apresenta-se também quando a intenção é fornecer suportes para o combate aos grandes problemas enfrentados pelas sociedades multiculturais: as conseqüências dos processos migratórios, as diásporas, as condições sociais e os direitos dos que vivem em terras estrangeiras, e entre outros aspectos, o tema do racismo, que joga com a questão das identidades culturais de cada indivíduo ou grupo. Ao tratar deste tema, considerando a interdependência do racismo biológico e da diferenciação cultural como fatores intrínsecos ao problema, Hall destaca que o combate ao racismo deveria ser um compromisso do Estado, e apresenta em que circunstâncias tais responsabilidades são comissionadas.¹⁰⁰

O caráter de presença nos meios acadêmicos, bem como de proposta de ação política, de crítica às ações do Estado nessas áreas, presentes tanto nos “estudos culturais” quanto no “multiculturalismo”, coloca uma dificuldade à satisfatória compreensão de ambos os campos de estudos: o trabalho de definição deles, levando em conta também o vasto universo de abordagens nos quais eles estão inseridos.

Um aspecto determinante no trabalho com os “estudos culturais” e com o “multiculturalismo” refere-se à presença da noção de “cultura”. No Capítulo 1 foram abordadas algumas formas como os autores, cujos textos embasaram a formação, posteriormente, dos “estudos culturais” britânicos, propuseram uma nova leitura da ideia de “cultura”. Destacam-se as proposições de Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward Thompson.

Quanto às reformulações apresentadas por Williams a essa ideia, está presente o método de enxergá-la como um “modo ou sistema geral de vida”; isso possibilita a ampliação da abrangência das formas de análise, caracterizando “cultura” por um viés antropológico. A análise de Hoggart, entre outros aspectos, apresenta um esforço no intuito eliminar a tendência à hierarquização entre diferentes classes e culturas. E no que se refere a Thompson, contribui no sentido de desconstruir a ideia de uma cultura homogênea e estática.

Essas noções, direta ou indiretamente, interferem amplamente no conceito de “multiculturalismo”. De forma semelhante como aparece em Thompson quando este se refere ao termo “cultura”, há em Hall o reconhecimento do impacto das transformações históricas no “multiculturalismo”, como foi apresentado anteriormente. Ainda referindo-se a esse autor, verifica-se como a “cultura” e o “multiculturalismo” compartilham de um caráter processual,

¹⁰⁰ Idem, p. 82.

que se faz em relação ao tempo; não concebem uma única resposta, senão constituem-se como um campo de contradição e discussão, jamais se configurando como termos petrificados, inertes às alterações semânticas.

Considerando ainda o método de abordagem dos “estudos culturais” de ver a “cultura” através das manifestações comuns da vida das pessoas, a interpretação de Hall denota importância para as formas não extraordinárias dos grupos por ele estudados, como um caminho para compreender o estado das minorias étnicas na Inglaterra.

[elas] de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. [...] Mas existem ainda diferenças que se negam a ser consolidadas. Os caribenhos das diferentes ilhas provêm de misturas étnicas e raciais muito distintas, embora todos tendam (erroneamente) a ser vistos como “jamaicanos”. Os asiáticos também são tratados como grupo único.¹⁰¹

Tanto Thompson e Williams – que fizeram parte da *New Left* inglesa – quanto Hoggart, apresentaram novas noções para a abordagem da “cultura”, das movimentações das massas, seu pensamento e formas de consumo, que influenciaram gerações posteriores de pesquisadores. O mesmo vale para a abordagem das “subculturas” em meio à sociedade, um método comum entre os autores dos CCCS. Nesses casos, entre os quais se encontram trabalhos de Hall, as abordagens realizadas eram sobre os grupos juvenis, principalmente urbanos, entre eles os *mods* britânicos, *punks*, *skinheads*, entre outros. Embora Hall não utilize a terminologia “subcultura” de forma central, ao menos no texto aqui observado, esse tipo de análise é recorrente ao trabalhar com o “multiculturalismo”. O olhar lançado às condições e reivindicações dos grupos étnicos emigrados, no caso para a Inglaterra, e às vezes concentrados em grande número num mesmo local, como os “guetos”, por exemplo, permite considerar a presença desta forma de analisar conjuntos minoritários que se diferenciam, por sua atitude, identidade étnica ou cultura, das formas consideradas convencionais de se manifestar na sociedade. Entre as leituras propostas por Hoggart, com um pouco mais de ênfase, é possível perceber uma tendência em observar as particularidades dos grupos e comunidades, no caso da classe operária, para chegar a uma interpretação mais abrangente de suas características e formas de manifestação. Em certo sentido, a abordagem de Hall, que

¹⁰¹ Ibidem, p. 65-66.

propõe uma leitura sobre a questão multicultural na Inglaterra, parte destes casos específicos para compor, pode-se inferir, um diagnóstico desse tema no país.

Quanto a essas formas de manifestação, entre as análises promovidas pelos estudos do “multiculturalismo” é possível identificar também o reconhecimento da “não passividade” (em relação aos meios dominantes) presente nas ações dos grupos que, na reunião de diferenças, constituem o povo ou as massas. Na mesma linha de Williams, as massas oferecem uma forte resistência frente aos produtos e as informações provenientes das classes dominantes ou dos governos, quanto mais quando entra em jogo a manutenção dos hábitos culturais e tradicionais delas. A análise de Hall, já no contexto das discussões do “multiculturalismo”, absorve em parte esse escopo, ao registrar as maneiras de resistir e a capacidade das minorias étnicas, deslocadas de seus contextos originais, de se organizar, mobilizar e elaborar discursos próprios, em prol da defesa de direitos políticos e sociais, mas também de manter-se, ainda que diferentes na conjunção diaspórica, ligadas à sua matriz cultural.¹⁰²

Ainda ressaltando a relevância que o conceito de cultura tem nas discussões do “multiculturalismo”, que vai além da sua presença no nome, é importante destacar o efeito “transruptivo” na concepção desse termo provocado pela “questão multicultural”. O esforço de Raymond Williams (em “Cultura e Sociedade”) em tentar identificar o significado e as implicações deste conceito através de autores ingleses no decorrer de quase três séculos, teria ganhado um novo estágio se feito nas últimas décadas. Embora a oposição binária, derivada do Iluminismo – Particularismo versus Universalismo, Tradição versus Modernidade – tenha sido minada desde o início do projeto global do Ocidente no século XV, a última metade do século XX foi responsável por colocar tal modelo à prova decididamente.

As culturas distintas, homogêneas, auto-suficientes, fortemente aglutinadas das chamadas sociedades tradicionais conformam um contraponto à cultura da “modernidade” – aberta, racional, universalista e individualista. Como resultado da globalização, uma das características centrais é que essas sociedades foram se encaminhando para se tornarem “formações híbridas”. O hibridismo é o termo utilizado para caracterizar culturas cada vez mais mistas e diaspóricas.¹⁰³

Essa característica híbrida da cultura da modernidade implica em questões complexas, que não raro revelam contradições, conforme a asserção de Burke:

¹⁰² Ibidem, p. 66.

¹⁰³ Ibidem, p. 73-76.

O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é a característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais. Certamente não é por acidente que a atual era da globalização cultural, às vezes vista mais superficialmente como “americanização”, é também a era das reações nacionalistas e étnicas – sérvia e croata, tutsi e hutu, árabe, basca e assim por diante. Gilberto Freyre louvou notavelmente tanto o regionalismo quanto a mestiçagem, mas geralmente há uma tensão entre eles.¹⁰⁴

A proposição de Hall no estudo do “multiculturalismo” coloca em relevo a ideia de cultura, realizando leituras que permitem inclusive reinterpretções do conceito, sempre levando em conta as condições históricas específicas de cada tempo.

Como se pode notar, ao tratar do tema do “multiculturalismo”, é recorrente a “cultura” aparecer associada à etnicidade. Trazendo a contribuição de outros autores que exploram esta relação, pode-se inclusive ampliar a maneira de enxergar essa conexão no estudo das questões multiculturais, com ideias que aparecem também nas abordagens de Hall. Conforme Fenton, a perspectiva histórica, direcionada para um enfoque de representações identitárias que se dão em determinados contextos e espaços, pode nos mostrar que os grupos étnicos são “simultaneamente reais e construídos”. Reais, porque há diferenças consideradas importantes, que podem ser de língua e dialeto, de área de procedência, de diferenças de costumes; construídos, porque “a etnicidade se refere à *construção social* da descendência e da cultura, à mobilização social da descendência e da cultura e aos significados e implicações dos sistemas de classificação construídos à sua volta”.¹⁰⁵

Muito presentes nas abordagens sobre o “multiculturalismo”, inclusive no de Hall, os estudos que privilegiam a relação entre história e etnia podem contribuir para a dissolução de preconceitos sumariamente vinculados ao modo de ver uma etnia a partir dos valores, representações e costumes da sua própria, o que também é comum entre culturas diferentes. Nesse padrão de manifestação, pode-se citar como a cultura ocidental, com seus valores, que não são universais ou naturais, mas específicos dela, foi criando e reinventando juízos que subestimam culturas diferentes. Em outros contextos de encontros étnicos, verificam-se padrões semelhantes.¹⁰⁶

¹⁰⁴ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Op. Cit, p. 18.

¹⁰⁵ FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 14-16.

¹⁰⁶ FERREIRA NETO, Edgard. “História e Etnia”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 322. Ver SAID, Edward. Op. Cit.

O reconhecimento das particularidades e universos próprios existentes entre grupos étnicos diferentes, não exime da “consideração das dinâmicas próprias dos fenômenos culturais específicos na estruturação histórica das sociedades e no seu inevitável e necessário diálogo com as outras”. A análise das interações culturais deveria precaver-se dos prejuízos valorativos, morais e políticos, lançados às “outras” culturas. “Eles obscurecem a realidade da dinâmica das trocas culturais, pois transmitem a visão de que o Ocidente [pensando-o como exemplo] nada recebeu do seu contato com [outras] culturas”.¹⁰⁷

As discussões em torno do tema do “multiculturalismo” na contemporaneidade, inclusive as realizadas por Hall, reforçam a necessidade de se trazer à tona e de se lidar com as questões da pluralidade e das diferenças no jogo dinâmico das relações sociais humanas e de reconhecer a riqueza de experiências encerradas nessa dialética. Constitui um paradigma fundamental para as ações que o Estado e suas políticas (não diretamente referidos nesta pesquisa), para o pensamento acadêmico e, equanimemente – à maneira de Williams e da problemática antropológica de ver a cultura – para as formas comuns de vida em pensar e agir.

Williams, Hoggart e Thompson propiciaram para os “estudos culturais” novos e diferentes modos de enxergar a realidade. Desenvolveram métodos que permitiram apontar para as diferenciações culturais internas à sociedade, trocando uma perspectiva tendente à homogeneização, ou a um “mesmo tratamento”, por assim dizer, por uma que entendesse as particularidades existentes na cultura e entre as massas. Talvez essa seja uma das características mais evidentes que confirmam a presença dos “estudos culturais” nas noções do “multiculturalismo” – notar as diferenças, as lógicas, as estratégias, e as formas de identificação próprias de diferentes grupos.

Retomando algumas ideias já apresentadas no trabalho, foi possível verificar algumas relações conceituais entre as noções teóricas empregadas pelo “multiculturalismo” e as desenvolvidas, desde um período anterior, pelos “estudos culturais”. O desenvolvimento ou o processo pelos quais os conceitos passam ao longo do tempo (Koselleck) e as transformações semânticas das terminologias (Gleason), favorecem a difusão, a reformulação e a apropriação de antigas noções, ou que estejam ligadas a outros campos teóricos, para a reelaboração de novas ideias, novos conceitos e campos de estudos, que vão se transformando juntamente com as sociedades que pretendem interpretar. Nem sempre essas noções se encaixam

¹⁰⁷ Idem, p. 323-324.

perfeitamente aos interesses de interpretação científica de determinadas situações, em alguns casos tendo que ser utilizados “sob rasura”; mas ainda assim possibilitam a criação de referências para a leitura dos fenômenos históricos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o “multiculturalismo”, assim como os “estudos culturais”, sejam conceitos/campos de estudos evocadores de inúmeros significados e interpretações, e, além de difusos e de difícil definição, acredita-se ter sido possível, ao longo deste trabalho, apresentar algumas maneiras como eles se apresentam na atualidade, buscando nas suas origens ou passado constitutivo, as fórmulas e significados para sua compreensão. Mais precisamente, buscou-se apontar as relações existentes entre esses campos, levando em conta a dificuldade de localizar trabalhos com abordagens deste tipo, neste caso específico.

As imprecisões em algumas afirmações podem ser creditadas à dificuldade em localizar nas referências utilizadas sobre esses dois conceitos/campos centrais do trabalho, ideias já estabelecidas nos universos conceituais e acadêmicos. É possível que isso se justifique pela amplitude das discussões nessas áreas, não só em uma universidade, um órgão ou um país, mas, de forma geral, em todo o globo. Deve-se considerar também que essa disseminação renova os debates a todo tempo.

O quê induziu a aproximação a este importante tema foi uma pretensão específica, através de um viés bem acadêmico, que procurou aprofundar o nível de compreensão de fenômenos sociais e históricos, por meio de uma abordagem teórica. Ademais do interesse nos assuntos étnico-raciais, nas relações culturais e as existentes entre as diferenças, houve a consideração de se aproximar de conceitos de outras áreas do conhecimento, afim de contribuir para o estreitamento das relações entre diferentes disciplinas. Quanto à problematização do tema do “multiculturalismo”, a validade deste tipo de abordagem reside no fato de permitir que assuntos tão pertinentes quanto os relativos às questões raciais, por exemplo, sejam trazidos à tona. A configuração do mundo globalizado incita o surgimento de novas reflexões e novos instrumentos teóricos, entre os quais circundam os contatos culturais, étnicos, religiosos e assim por diante, que forcem os indivíduos a repensarem seu papel enquanto agentes sociais.

Nesse sentido que os estudos sobre o “multiculturalismo” devem levar em conta as realidades sociais específicas de cada lugar onde ele é discutido, os discursos proferidos pelos grupos envolvidos, e inserindo-os num contexto de representações mais global. As formas de análise da cultura que privilegiam as representações e manifestações comuns de vida, assim como as incentivadas por Williams, além das de Thompson de abordar contextos históricos

reais, permitem estudar um objeto, uma problemática, para além do grupo, da classe, da “raça” ou etnia. É nessa base elementar que os objetos centrais deste trabalho correspondem.

A noção de “cultura” foi largamente utilizada no texto. Constituiu um ponto conjuntivo entre os conceitos centrais dos “estudos culturais” e também do “multiculturalismo”. Mas há, para além dessa característica “mais visível” na intersecção entre os dois, como foi visto, outros pontos de convergência que demonstraram as suas relações teóricas, como a própria identificação do impacto das conjunturas históricas – o “multiculturalismo” e o “hibridismo” – no conceito de “cultura”, as análises das “subculturas” presentes nas sociedades contemporâneas, as relações entre história, cultura e etnia, o direcionamento das leituras de contextos específicos para uma leitura mais ampla do todo social e dos problemas que ele encerra, e o caráter notadamente político das abordagens, que ultrapassam o âmbito acadêmico, entre outros aspectos.

Agregadas às fundamentações até aqui expostas para um trabalho que aborda o “multiculturalismo”, revelou-se pertinente a realização de um estudo teórico das evocações deste conceito. Como foi possível concluir, os “estudos culturais” emprestaram várias noções que permitiram a gênese de um novo campo de estudos que, agregando novos objetos e novas temáticas, constitui-se à sua maneira e particularidades, fornecendo novos instrumentos de ver a realidade, de forma a apontar para as diferenciações culturais internas à sociedade.

Não foi gratuita a opção por trabalhar, de forma específica, com alguns textos de Stuart Hall. Esse autor foi visto como um “elo” entre os temas do “multiculturalismo”, que interessou pesquisar, e os “estudos culturais”. Não obstante, assim como explanado na Introdução deste trabalho, essa relação não era, como continua não sendo, senão através de enfoques pontuais, tão evidente, pelo menos até onde este trabalho de pesquisa pode avançar. Talvez por esse motivo as opções de apresentação dos resultados da pesquisa não necessariamente evidenciem uma lógica determinativa, ou clara, dos vínculos conceituais e teóricos entre os dois campos, embora, às vezes, denotem uma certa obviedade. À maneira de Gleason, já citado, foi reconhecida a dinâmica existente na constituição de termos e conceitos, que se transformam, se ressignificam e se apropriam de antigas noções.

O fato de o “multiculturalismo” e dos “estudos culturais” terem-se difundido consideravelmente por vários âmbitos e lugares do mundo, impediu a elaboração de conclusões mais definidas sobre eles, considerando as peculiaridades dos lugares e contextos onde são “aplicados” e debatidos. O objetivo não foi apresentar um resultado necessariamente

conclusivo para o(s) tema(s), como não é também a proposta do formato de trabalho que se apresenta. Assim que se define como uma aproximação de maior fôlego a uma temática, sendo uma pesquisa que investiu no estudo dos autores e noções envolvidas nesses temas, como forma de apresentar suas interpretações e, a partir delas, desenvolver algumas análises.

O trabalho de investigação científica e de pesquisa histórica possibilitou a elaboração e a utilização de novos conceitos teóricos e metodologias, fundamentais para a construção do conhecimento. As noções dos estudos interdisciplinares empregadas neste trabalho permitiram empreender uma pesquisa, e apresentar seus resultados, a partir da convicção de que a disciplina é superada pela sua relação com as outras, buscando, no empréstimo de noções compartilhadas de outras áreas do conhecimento, enriquecer as formas de abordagem.

O resultado desta pesquisa em torno do tema do “multiculturalismo” permitiu visualizá-lo configurando um amplo campo de estudos, que busca em antecedentes históricos similares, explicações para questões pertinentes de processos contemporâneos. Realizou-se um trabalho de cunho teórico, que teve também por objetivo identificar o aparecimento e a difusão do conceito de “multiculturalismo” associado aos “estudos culturais” britânicos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

4.1. TRABALHOS DE STUART HALL

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1992].

_____. A questão multicultural. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 [2000], p. 51-100.

_____. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 [1980], p.131-159.

_____. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 [1996], p. 101-128.

_____. Que “negro” é esse na cultura negra? In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 [1998], p. 335-352.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

4.2. TRABALHOS DOS ESTUDOS CULTURAIS E SOBRE O MULTICULTURALISMO

DURING, Simon et al. *The Cultural Studies Reader*. London, UK: Routledge: 1993.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GELDER, Ken. Introduction to part two. In: GELDER, Ken et al. *The subcultures reader*. London/New York: Routledge, 1997.

GOLDBERG, David. Introduction: Multicultural Conditions. In: GOLDBERG, David et al. *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge, USA: Basil Blackwell, 1994.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*, Porto: Editorial Presença, 1975 [1957].

JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STOREY, John. *An Introductory Guide to Cultural Theory and Popular Culture*. Athens, USA: University of Georgia Press, 1993.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969 [1958].

_____. *The Long Revolution*. Middlesex: Penguin, 1984 [1961].

_____. *Who speaks for Wales? Nation, Culture, Identity*. Cardiff: University of Wales Press, 2008, 2.ed., Daniel Williams [ed.].

4.3. BIBLIOGRAFIA GERAL

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987 [1965].

BURKE, Peter [org.] *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BURKE, Peter. “Fronteiras culturais dos primórdios da Europa moderna”. In: TAVARES, José Antônio et. al. *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

_____. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

_____. *Sociologia e História*. 2.ed. Porto: Afrontamento, 1980.

CANCLINI, Néstor. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ESCOTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.133-166.

FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FERREIRA NETO, Edgard. “História e Etnia”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 313-328.

FERRO, Marc. *História das Colonizações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987 [1976].

GLEASON, Philip. *Identifying identity: a semantic history*. Disponível em: <http://www.soec.uni-jena.de/fileadmin/soec/media/GSBC/Veranstaltungen/Gleason_Identifying_identity_-_a_semantic_history.pdf>. Acesso em: junho de 2012.

GRIN, Monica. Ambiguidades do multiculturalismo no Brasil: diálogos entre negros e judeus. *Web Mosaica*. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v.1, n.1 (jan-jun)

2009. Disponível em: <seer.ufrgs.br/webmosaica/article/download/9769/5562>. Acesso em: novembro de 2012.
- HOBSBAWM, Eric. J. As classes operárias inglesas e a cultura desde os princípios da revolução industrial. In: BERGERON, Louis (ed.). *Níveis de cultura e grupos sociais*. Lisboa: Cosmos, Martins Fontes: Santos, 1974 [1967]. p. 239-263.
- _____. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- LAMBERT, Peter; SCHOFIELD, Phillipp (orgs.). *História: introdução ao ensino e à prática*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MCLAREN, Peter. White Terror and Oppositional Agency: Towards a Critical Multiculturalism. In: GOLDBERG, David et al. *Multiculturalism: a critical reader*. Cambridge: BasilBlackwell, 1994, p. 45-74.
- HARDT, Michael; NEGRI, Toni. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, 134-146.
- NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.101-138, jan./dez. 2004.
- OLEZA, Joan. *Multiculturalismo y Globalización: pensado historicamente el presente desde la literatura*. Disponível em: <<http://www.uv.es/entresiglos/oleza/pdfs/multiculturalismo%20y%20globalizacio.pdf>>. Acesso em: abril de 2012.
- PETERSEN, Sílvia R. F. “Algumas observações sobre a interdisciplinariedade”. In: *50 anos da Faculdade de Filosofia: publicação comemorativa*. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 109-115.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Orientalismo: o oriente como invenção do bolso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANSONE, Livio. Multiculturalismo, Estado e Modernidade – As nuances em Alguns Países Europeus e o Debate no Brasil. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 46, nº 3, 2003, p. 535-556. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v46n3/a05v46n3.pdf>>. Acesso em: maio de 2012.
- SARTORI, Giovanni. *La sociedad multiétnica*. Pluralismo, multiculturalismo y extranjeros. Madrid: Taurus, 2001.

- SCHAMA, Simon. *O Desconforto da Riqueza: a cultura holandesa na época de ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- SEWELL JR., William. How classes are made: critical reflections on E. P. Thompson's theory of working-class formation. In: KAYE, Harvey J., MCCLELLAND, Keith (eds.). *E. P. Thompson: critical perspectives*. Cambridge: Polity Press, 1990. p. 50-77.
- SOVIK, Liv. Apresentação: paraler Stuart Hall. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003 [1986], p. 9-21.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 1 v.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TURNER, Graeme. *British Cultural Studies – an introduction*. Boston: Unwin Hyman, 1990.
- VÁZQUEZ, Francisco. *El multiculturalismo revisitado*. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/sg/03/fjcv.htm>>. Acesso em: abril de 2012.
- WEBER, Regina. Considerações sobre a cultura operária. *Humanas*. Londrina: Ed. UEL. v. 1, n. 1. mar. 1999 [2000] p. 45-83.
- _____. Da Europa dos séculos XVI-XVIII para o Brasil dos séculos XIX-XX: a fecundidade da história cultural dos “modernistas”. *Humanas*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, v. 22, n.1/2, 1999 [2000]. p. 25-41.
- _____. *Os operários e a colmeia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.